



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

GUTEMBERG SANTOS DE SANTANA

**GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA: UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE AS
PAISAGENS DO MEDO EM ARAPIRACA – AL**

**DELMIRO GOUVEIA – AL
SETEMBRO DE 2018**

GUTEMBERG SANTOS DE SANTANA

**GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA: UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE AS
PAISAGENS DO MEDO EM ARAPIRACA – AL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Geografia - Licenciatura,
da Universidade Federal de Alagoas, Campus do
Sertão, como requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Msc. Kleber Costa da Silva

**DELMIRO GOUVEIA – AL
SETEMBRO DE 2018**

**Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

S232g Santana, Gutemberg Santos de
Geografia da violência: um olhar geográfico sobre as paisagens
do medo em Arapiraca – AL / Gutember Santos de Santana. – 2018.
67 f. : il.

Orientação: Prof. Me. Kleber Costa da Silva.
Monografia (Licenciatura em Geografia) –
Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia, Delmiro
Gouveia, 2018.

1. Geografia. 2. Violência urbana. 3. Arapiraca – Alagoas.
4. Segurança pública. I. Título.

CDU: 911.3:316.48(813.5)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO: GEOGRAFIA – LICENCIATURA

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR(A): GUTEMBERG SANTOS DE SANTANA

“GEOGRAFIA DA VIOLÊNCIA: UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE AS PAISAGENS DO MEDO EM ARAPIRACA – AL” - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL - Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em **25 de setembro de 2018**.

Banca Examinadora:

Prof. Kleber Costa da Silva – UFAL/Campus do Sertão

Orientador

(Prof. José Alegnberto Leite Fechine – UFAL/Campus do Sertão)

Examinador Interno

(Prof. Fábio Pereira dos Santos)

Examinador Externo

Dedico este trabalho a esta pessoa maravilhosa que preenche os meus dias e dá sentido à minha alma, minha mãe, Lindinalva Santos, essência da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ser a minha principal fonte de inspiração e coragem para não desistir diante das inúmeras adversidades encontradas durante essa jornada acadêmica.

À minha família por existirem e acreditarem em mim.

À minha mãe, Lindinalva Santos, grande lutadora que sempre trabalhou para que eu pudesse estudar e ter uma profissão. A você dedico mais esse obstáculo vencido em minha vida.

À Ivonete Farias, que sem hesitar me ajudou em tudo o que foi necessário, assim sendo fundamental para toda a minha caminhada acadêmica.

Ao meu pai, João Firmino, pela tranquilidade transmitida nos momentos mais difíceis.

Ao Pastor Isaías Claudino, pelo companheirismo e orações ao meu favor.

De forma bastante especial também gostaria de registrar meu agradecimento a Eliene Farias, que nos momentos em que achava que não conseguiria, reavivou minha vontade de continuar.

Ao meu amigo, Flávio dos Santos, minha eterna dupla de trabalhos acadêmicos.

Ao meu amigo, Daniel Nascimento, por ter me ajudado nos momentos de dificuldade financeira.

Aos meus grandes amigos, Lucas, Jotinha, Anderson e Jandir, companheiros de momentos felizes e que, em alguns momentos souberam entender a minha ausência.

Ao meu amigo, Acássio Vinicius, pela amizade e conversas diárias em busca de conhecimento.

Ao meu amigo, Paulo Henrique, pela amizade e generosidade de dividir comigo momentos de alegria e sucesso.

Ao professor José Alegnoberto Leite Fechine, pela amizade, diálogo e orientação nos projetos de pesquisa.

Ao professor Fernando Pinto, por ter me dado a oportunidade e a confiança em participar do seu projeto de pesquisa CEXACAS.

Ao meu orientador, Kleber Costa da Silva, por quem tenho uma grande admiração e respeito, pelo profissional comprometido com a Geografia e pelo incentivo que sempre me deu ao longo desta jornada acadêmica.

À Universidade Federal de Alagoas, por dar a oportunidade de obter conhecimento.

Aos professores do curso de Geografia por oferecer os conhecimentos necessários para a minha formação.

À banca examinadora, pela disponibilidade e pelo compartilhamento de conhecimento.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta e indireta para realização deste trabalho.

“Nas grandes cidades, do pequeno dia a dia, o medo nos leva a tudo, sobretudo à fantasia. Então erguemos muros que nos dão a garantia de que morreremos cheios de uma vida tão vazia”.

(Humberto Gessinger)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar a violência na cidade de Arapiraca-AL através de um exercício de interpretação das paisagens do medo. A pesquisa realizou-se inicialmente a partir da leitura de aspectos teórico-conceituais ligados às noções de violência e paisagens do medo, tendo como base autores como Bauman (2009), Caldeira (2000), Freitas (2010), Jacobs (2004), Morais (1990), Souza (2008), entre outros. Num segundo momento, efetuou-se uma análise sobre a expansão da violência na referida cidade, observando as causas e os motivos que levaram Arapiraca a ser a segunda cidade mais violenta do estado de Alagoas, além de outras questões como a expansão histórico territorial da cidade e todo o seu crescimento em decorrência do ciclo fumageiro, que foi um dos fatores responsáveis pelo seu crescimento econômico. No terceiro e último momento, observamos as transformações ocorridas na paisagem urbana da cidade e a maneira como a população utiliza o espaço urbano, fazendo da paisagem a sua própria imagem, através de equipamentos de segurança, e produzindo um novo espaço de acontecimentos. Além disso, procuramos entender os mecanismos que levaram a ascensão da violência e a progressiva segregação nos bairros mais perigosos. Com os resultados obtidos, pôde-se notar a presença das paisagens do medo em várias localidades da cidade em questão. Assim, buscamos compreender o porquê dos muros, dos portões, dos cadeados, dos condomínios e dos espaços escabrosos e nervosos da cidade da cidade de Arapiraca.

Palavras –Chave: Geografia. Violência urbana. Arapiraca - Alagoas. Segurança pública.

ABSTRACT

The present work of course completion aims to analyze the changes imposed by the violence in the city of Arapiraca-AL, through the landscapes of fear. The research was carried out initially, based on the reading of theoretical and conceptual aspects related to the notions of violence and landscapes of fear, based on researchers such as Bauman (2009), Caldeira (2000), Freitas (2010), Jacobs (2004), Morais (1990), Souza (2008), and others. In addition, books of specific studies on the subject to be addressed have also been used, among which we can mention Confidence and fear in the city, liquid fear, what is urban violence, death and life of big cities, city walls and etc. In a second moment, a study on the expansion of the violence in that city was made, analyzing the causes and the reasons that led Arapiraca to be the second most violent city of the State. In addition to other issues such as the historical territorial expansion of the city and all its growth as a result of the tobacco industry, which was one of the factors responsible for its economic growth. In the third and last moment, we observe the transformations occurring in the urban landscape of the city and the way in which the population uses the urban space, making the landscape in its own image, through safety equipment, and producing a new space of events. In addition, we seek to understand the mechanisms that have led to the rise of violence and the progressive segregation in the most dangerous neighborhoods. With the results obtained, it was possible to notice the presence of the landscapes of the fear in several localities of the city in question. Thus, we tried to understand why the walls, the gates, the locks, the condominiums and the scabrous and nervous spaces of the city of the city of Arapiraca.

Keywords: Geography. Urban violence. Arapiraca – Alagoas. Public security.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 01 – Árvore Arapiraca..... | 23 |
| Figura 02 - Localização Geográfica de Arapirca..... | 25 |
| Figura 03 - Vista parcial da feira livre de Arapiraca - AL..... | 27 |
| Figura 04 - Região Fumageira de Arapiraca..... | 29 |
| Figura 05 - Mapa dos bairros de Arapiraca..... | 39 |
| Foto 06 - Local em que durante à noite há pessoas usando drogas, localizado no bairro Primavera..... | 44 |
| Figura 07 - Insegurança (lojas e casas gradeadas) | 49 |
| Figura 08 - Vista da entrada do condomínio recanto Primavera..... | 52 |
| Figura 09 - Condomínio Ouro Verde, localizado no bairro Senador Arnon de Melo..... | 54 |
| Figura 10 - Área localizada no bairro Cacimbas onde várias pessoas usam drogas..... | 55 |
| Figura 11 - Residência localizada no bairro Ouro Preto, equipada com câmera de segurança, vidros, portões de ferro e cerca elétrica..... | 56 |
| Figura 12 - Residência localizada no bairro São Luiz I, equipada com cerca elétrica e câmera de televigilância..... | 58 |
| Figura 13 - Residência localizada no bairro São Luiz I, cercada por uma muralha..... | 59 |
| Figura 14 - Combinação de muro alto e rolos de arame farpado..... | 60 |
| Figura 15 - Templo religiosos cercado com grades e cerca elétrica em volta do muro..... | 61 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 01 - Crimes violentos e Letais intencionais dos anos 2014, 2015 e 2016 no município de Arapiraca – AL..... | 41 |
| Gráfico 02 - Faixa etária da população do bairro Primavera..... | 43 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 01 - Crimes violentos e Letais intencionais dos anos de 2014, 2015 e 2016 no município de Arapiraca – AL..... | 40 |
|--|----|

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 13 |
| 2. PAISAGENS DO MEDO: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS..... | 15 |
| 2.1 As noções de violência e medo..... | 15 |
| 2.2 Geografia da violência | 19 |
| 2.3 O espaço “escabroso” e o “espaço nervoso”..... | 21 |
| 3. PAISAGENS DO MEDO EM ARAPIRACA – AL..... | 23 |
| 3.1 A constituição histórica de uma cidade chamada Arapiraca – AL | 23 |
| 3.2 A constituição histórica da violência urbana em Arapiraca – AL | 32 |
| 4. A CIDADE DE ARAPIRACA..... | 36 |
| 4.1 O medo e a violência no Bairro Primavera | 36 |
| 4.2 Condomínios: ilusão de (in)segurança? | 49 |
| 4.3 O espaço “escabroso” na paisagem do bairro “Cacimbas” | 54 |
| 4.4 O espaço “nervoso” na paisagem do Bairro “Ouro Preto” | 55 |
| 4.5 Espaços da arquitetura do medo | 57 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 62 |
| REFERÊNCIAS..... | 64 |

1. INTRODUÇÃO

A violência é um problema que vem crescendo a cada dia em diversos países do mundo. Tratando especificamente do Brasil, especialmente de suas capitais e médias cidades, os principais fatores listados que contribuem diretamente para o crescimento da violência são a desigualdade social e econômica. Devido ao crescimento urbano e dos altos índices de violência, verificam-se nas cidades, então, modificações na arquitetura urbana das fachadas das residências e dos centros comerciais.

Nesse contexto, isso pode ser evidenciado por meio do comportamento assumido pela sociedade, em que demonstra preferir casas com muros elevados, ambientes que tenham guaritas, portões de ferro, cadeados, grades nas janelas, bem como equipamentos de segurança mais reforçados, a exemplo de cercas elétricas, câmeras de televigilância, alarmes, até mesmo segurança particular permanente. Ao adotar essa postura, os cidadãos revelam, portanto, o sentimento de estarem seguros e, conseqüentemente, a impressão de bem-estar social.

Vale ressaltar, que na Geografia ainda são poucas as pesquisas que trabalham a temática da violência urbana, razão pela qual julgamos necessário e pertinente um diálogo entre a Geografia e a Sociologia com uma análise crítica acerca deste fenômeno da violência e do medo na cidade contemporânea.

Assim, as cidades, que antes eram vistas como espaços livres da violência, foram se transformando, ao longo dos anos, em verdadeiros espaços de hostilidade e aspereza. Diante disso, as pessoas, na busca de se protegerem da violência feroz das cidades, se isolam uma das outras, produzem diferentes ferramentas de proteção, modificando assim o espaço, e criando uma nova arquitetura urbana, uma nova paisagem: a paisagem do medo.

O interesse pela temática discutida nesse trabalho surgiu após a observação da quantidade de paisagens do medo existentes na cidade de Arapiraca, o que nos deixava preocupado em buscar uma explicação para esse fenômeno. Então, começamos a associá-los aos elevados índices de violência que a cidade demonstrou nos últimos anos para depois compará-los o crescimento desse tipo de paisagens a uma possível mudança na forma paisagística das residências dos Arapiraquenses por medo da violência.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo analisar as modificações impostas pela violência na cidade de Arapiraca-AL, através das paisagens do medo.

Na elaboração deste trabalho, inicialmente, foi elaborado a delimitação do tema para melhor atender ao requisito do corte metodológico. Em seguida foi adotado a pesquisa bibliográfica para o conhecimento teórico acerca do tema abordado. Posteriormente, foram

elaborados resumos e fichamentos de livros, dissertação de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos publicados em revistas, disponíveis em meios virtuais e físicos. Além disso, foram vistas obras fundamentais que se dedicaram ao estudo das paisagens do medo.

Para investigação do presente trabalho, foi tido como base livros que fazem uma revisão introdutória e crítica acerca da violência, a exemplo dos seguintes pesquisadores: Bauman (2009), Caldeira (2000), Freitas (2010), Jacobs (2004), Morais (1990), Souza (2008) etc.

Dessa maneira, a divisão do trabalho compreende três capítulos. O primeiro, traz uma análise dos pressupostos teóricos metodológicos que subsidiaram o trabalho realizado. Nesse momento, houve um cuidado maior com os conceitos e noções que foram utilizados para o desenvolvimento da pesquisa como: Violência urbana, medo, criminalidade, mixofobia, “espaço escabroso e espaço nervoso” foram a princípio os escolhidos através de um levantamento bibliográfico. A seguir, houve uma descrição dos procedimentos adotados durante o estudo.

No segundo capítulo buscamos um estudo sobre a expansão da violência na referida cidade, analisando as causas e os motivos que levaram Arapiraca a ser a segunda cidade mais violenta do estado, além de outras questões como a expansão histórico territorial da cidade e todo o seu crescimento em decorrência do ciclo fumageiro, que foi um dos fatores responsáveis pelo seu crescimento econômico.

O terceiro e último capítulo aborda de forma mais detalhada nosso objeto de estudo, onde foi realizado um estudo de caso na cidade de Arapiraca centrado nas transformações ocorridas na paisagem urbana da cidade e a maneira em que a população utiliza o espaço urbano, fazendo da paisagem a sua própria imagem, através de equipamentos de segurança, e produzindo um novo espaço de acontecimentos. Além disso, procuramos entender os mecanismos que levaram a ascensão da violência e a progressiva segregação nos bairros mais perigosos. Finalizamos o capítulo com um registro fotográfico de diferentes localidades da cidade de Arapiraca e, logo após, efetuou-se a análise das imagens obtidas e a articulação dessas com as contribuições conceituais anteriores, com o intuito de demonstrar como as paisagens do medo estão refletidas na referida cidade.

Assim, pretendemos que a leitura deste texto se revele como o resultado de esforços de interpretação crítica de uma fenômeno relevante à constituição da sociedade alagoana atual, que é a violência e a sua expressão na paisagem, e sobretudo como exercício que leva em conta a aliança entre teoria e observação empírica, de um ponto de vista geográfico.

2. PAISAGENS DO MEDO: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS

2.1 As noções de violência e medo

A noção de violência diz respeito a aspectos sociais, morais e culturais que imprimem reavaliações do sentido de regularidade e de permanência sociocultural ao longo da história, além de ser expressão da natureza mesma dos conflitos humanos e da nossa presença no mundo em relação à vida social.

Diante de tal sentido, torna-se relevante apresentarmos algumas noções de violência e de medo como motivadoras para a reflexão e a interpretação pretendidas neste trabalho. Ou seja, é uma noção e, sobretudo, uma realidade que se encontra presente em vários dos movimentos de nossa vida cotidiana, nos vários espaços das cidades, nas manchetes de jornais, nas revistas e nos noticiários. Passa a ser uma realidade significativa e cotidiana de nossas sociedades atuais, senão essência mesma de nossa disposição aos encontros e conflitos.

Assim, essa diversidade de sentidos pode ser apreendida na forma explicada por Soares (2005, p. 245), na medida em que a violência:

Pode designar uma agressão física, um insulto, um gesto que humilha, um olhar que desrespeita, um assassinato cometido com as próprias mãos, uma forma hostil de contar uma história despreziosa, a indiferença ante o sentimento alheio, a negligência com os idosos, a decisão política que produz consequências sociais nefastas(...) e a própria natureza, quando transborda seus limites normais e provoca catástrofes.

Noutras palavras, é a violência uma noção que abrange a totalidade dos conflitos sociais, a afirmação de nossa negação de certas regularidades e valores. Portanto, é a violência um tema relevante e por si mesmo polêmico e necessário ao entendimento de nossa realidade social, pois está ligada às práticas de vingança, rivalidade, discussões, tráfico de drogas, conflitos com facções, gangues de ruas e entre outros sentimentos que fazem com que essas pessoas sejam agentes e/ou vítimas da violência.

A violência pode ser identificada por várias maneiras, mas nos interessa apreendê-la especialmente na forma de crime. Esse fator, o crime, permeia o dia a dia das cidades contemporâneas. Nesse sentido, Caldeira (2000, p. 27) faz a seguinte reflexão:

A vida cotidiana e a cidade mudaram por causa do crime e do medo, e isso se reflete nas conversas diárias, em que o crime tornou-se um tema central. Na verdade, medo e violência, coisas difíceis de entender, fazem o discurso proliferar e circular. A fala do crime- ou seja, todos os tipos de conversas, comentários, narrativas, piadas, debates e brincadeiras que têm o crime e o medo como tema - é contagiante.

O crime, por sua vez, produz o medo que de certa forma gera a insegurança, refletindo um sentimento de desconfiança nas sociedades modernas. Para Bauman (2009, p. 16), poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, sendo “...caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos”. A violência acaba amedrontando e isolando as pessoas, modificando o comportamento dos indivíduos e, por isso mesmo, o modo como enxergam e atuam em relação aos lugares.

Caldeira (2000, p.44) relata que “No universo do crime, as barreiras estão enraizadas não apenas nos discursos, mas também materialmente nos muros da cidade, nas residências das pessoas de todas as classes sociais e nas tecnologias de segurança”. Essa questão do crime passou a ser a grande preocupação do homem contemporâneo que acabou se isolando em espaços em que são utilizados equipamentos de segurança em busca de proteção contra a violência na cidade.

Diante disso, pesquisar questões relacionadas à violência remetemo-nos à reflexão acerca das diferenças sociais, onde a maioria das pessoas se situa diante da falta de educação, saúde, transporte, segurança, trabalho, enfim, demonstrando que a maior forma de violentar a sociedade talvez esteja ligada à rejeição de seus direitos.

Para Caldeira (2000, p. 78), por exemplo, essa questão da violência e do medo se diferencia conforme a classe social de cada indivíduo, onde ele aponta que:

Apesar de as experiências da violência e o medo das pessoas variar segundo a classe social a que pertencem, todos estão igualmente preocupados com medidas de proteção e com aquilo que se poderia chamar de trabalho simbólico para dar sentido a suas várias experiências de violência.

É importante enfatizar nesse contexto que o fator da violência tem a ver com a desigualdade social, onde os pobres são os mais excluídos por morarem em lugares periféricos. A classe baixa acaba sendo apontada, em muitos dos discursos midiáticos correntes, como os causadores de assassinatos, roubos, furtos e principalmente os dominantes do tráfico de drogas.

Segundo Bauman (2008, p. 98):

O aumento da desigualdade não é um efeito colateral acidental e desprezado, mas em princípio retificável, de certas realizações indesejadas, iniciadas de maneira irresponsável e insuficiente monitorada, nem tampouco resultado do mal funcionamento, lamentável mas reparável.

Enquanto que a classe dominante pode desfrutar da segurança privada, dos condomínios fechados, das câmeras e dos equipamentos de segurança para proteger suas casas e suas

famílias, a classe menos favorecida não pode nem se deslocar para outros lugares onde possa se proteger da violência dos assaltantes, e principalmente da polícia.

A sociedade que vive nessas áreas sem planejamento e sem infraestrutura, como os guetos, as favelas e os cortiços, sofre com a falta de segurança. É nesse sentido que empresas de segurança se sobressaem com a crescente venda de tecnologia e equipamentos de segurança que são utilizadas em ambientes privados, como os chamados condomínios fechados, que jamais estarão ao alcance das populações carentes que também sentem medo da violência constante.

Dessa forma, quanto mais a sociedade se sentir ameaçada e sem proteção, maiores serão os lucros para as grandes empresas com as vendas de tecnologias e equipamentos de segurança. No entanto, é importante enfatizar que não são somente as empresas de segurança que se beneficiam com a violência urbana; temos que destacar a mídia que também lucra com a violência. Logo, o papel da mídia é essencial para manusear e distorcer a opinião da população, sendo divulgada, nas redes sociais, redes de televisão e rádio, tudo isso já faz parte do dia a dia das pessoas.

Nesse contexto, Silva (2011, p. 56) comenta que:

Não há como analisar a realidade social, seja pelo aspecto da violência, sem levar em consideração a influência da mídia. É através da mídia que mudamos nossos hábitos e costumes, somos bombardeados por modelos de consumo e de comportamentos, porém, é importante enfatizar que a mídia pode ter um papel emancipador, para tanto é imprescindível a apropriação da discussão acerca de sua finalidade, como também a mobilização e exigência da participação da sociedade nos conteúdos e programações.

Assim, a relação entre violência e medo é formada por elementos como persuasão e repressão, logo, toda sociedade é construída através das relações de poder. E, nessa perspectiva, é a violência realidade e discurso, apresentando-se como conteúdo de uma realidade sócio-espacial desigual no jogo amplo por disputa e sobrevivência.

Uma dimensão relacionada à violência e que precisa ainda ser lembrada é a possibilidade de refletirmos sobre origens do sentido mesmo da violência. Colocamos em questão se de fato o Estado, posicionado como condutor do sistema capitalista, teria alguma culpa nesse processo amplo de formação das desigualdades. De todo modo, vemos jovens marginalizados, famílias envolvidas em facções criminosas, violência constante em diversos bairros com números altíssimo de homicídio e extermínios – o acesso à empregabilidade e aos mercados talvez seja aspecto relevante na leitura de tais questões de violência, na medida em

que no Brasil o estado tem atendido em geral, ao longo da história, aos interesses da classe dominante e influenciando na impressão da desigualdade socioeconômica nas paisagens das cidades. De acordo com Arendt (2004), “a violência nada mais é do que a mais flagrante manifestação do poder. Toda política é uma luta pelo poder, o tipo de poder mais definitivo é a violência” (ARENDR, 2004, p. 22).

Ainda acerca da leitura da sociedade moderna, quando debatemos essa relação entre violência e medo que faz parte do cotidiano das pessoas, podemos notar que uma exerce influência sobre a outra, ou seja, andam lado a lado, de forma que modificam o dia a dia das pessoas. Sendo assim, entender a questão da violência e do medo nas cidades contemporâneas é de certa forma procurarmos nos aproximar de conteúdos, de costumes, de novas culturas, do sistema capitalista, da estética e dos padrões diferenciados de vida socioeconômica que permeiam a vida das pessoas. Todos esses fatores acabaram se tornando elementos essenciais para tentar explicarmos o caos que amedronta as cidades modernas, expresso então nas paisagens urbanas.

Nos dias de hoje, o medo que rodeia as cidades contemporâneas vem sendo pensado por vários autores, seja do campo da sociologia ou no da geografia. Bauman (2008) define medo como algo incerto, sinistro, obscuro, realidade que não conhecemos, ou seja:

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. "Medo" é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito - do que pode e do que não pode-para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance (2008, p. 8).

O medo pode ser entendido como um aspecto de perigo, uma impressão de receio, impaciência, uma relação de duplo sentido. Apresenta-se como o inesperado e/ou indeterminado e por isso mesmo sensação de recusa aos encontros sociais pacíficos, uma ameaça ao convívio social e à permanência das regularidades.

Segundo Delumeau (1989, p. 19), ainda sobre a noção de medo:

O medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte... mas se ultrapassa uma dose suportável, ele se torna patológico e cria bloqueios.

O medo acabou transformando a vida das pessoas, colocando-as em um estado de alerta, logo sua presença modifica o comportamento da sociedade, como por exemplo modificando a formas como nos relacionamos com o meio na medida em que encontramos lugares de maior ou menor “segurança”. Esse sentimento de medo acaba de certa forma construindo um novo espaço, sendo que esse espaço beneficia o isolamento, a desconfiança, fazendo com que os laços de convívio nos espaços públicos desapareçam, sendo assim, os espaços públicos, antes aparentemente pacíficos, tornaram-se lugares perigosos e obscuros, provocando um violento estado de desespero, angústia e medo.

Esse medo generalizado acabou tirando o direito de ir e vir das pessoas, a liberdade de caminhar por determinados espaços, de frequentar lugares públicos, de sentarmos na calçada e conversarmos com o vizinho, de andarmos com as janelas dos carros abertas e de termos um diálogo com pessoas que não estão dentro dos laços de confiança.

Em suma, é um fenômeno que fere a sociabilidade, o andamento dos encontros e a valorização dos conflitos. As escolhas das relações entre pessoas, e entre pessoas e lugares, então, passa a ser construída também por meio do fenômeno da violência e do sentido imposto pelos medos. A geografia urbana desta violência se mostra, portanto como relevante na medida que nos ajuda a entender certas expressões desses movimentos simbólicos da modernidade nas paisagens, sobretudo no que diz respeito às afirmativas (pós)modernas contemporâneas.

2.2 Geografia da violência

Para que possamos compreender o novo modelo da cidade atual (cidade pós-moderna) que está atrelado ao sentimento de medo e criminalidade violenta, Bauman (2009) traz para o centro do debate importantes conceitos e discussões. O primeiro desses debates, e talvez o mais importante, seja o já seu e clássico debate sobre Modernidade Sólida e Modernidade Líquida.

O que queremos dizer é que as transformações mais recentes nas sociedades ocidentais dizem respeito aos percursos históricos da modernidade. Noutras palavras, a história recente é fruto de um conduzir histórico próprio ao racionalismo, ao capitalismo e à produção das desigualdades.

Ao criar os conceitos de modernidade sólida e modernidade líquida, Bauman expõe que a sociedade passou por uma transformação, de modo que a modernidade sólida deixa de existir e passa a dar lugar à modernidade líquida. Podemos dizer que na modernidade sólida existia uma estabilidade dos valores culturais e do cotidiano familiar e social. Como o próprio conceito propõe, era algo solidificado. Já na modernidade líquida, as relações sociais, culturais,

familiares e políticas tornaram-se inconstantes, sem estabilidade. Tudo o que era sólido derrete e sucumbe na modernidade líquida.

Como tudo isso se relaciona com a violência nas cidades passa ser, portanto, central à interpretação pretendida neste trabalho. Ora, a partir do momento em que há uma instabilidade das relações sociais, as pessoas passam a interagir e dialogar menos umas com as outras. Nesse aspecto, Menezes (2012, p. 352) comenta que:

Essa cultura do medo, reproduzida principalmente – mas não apenas – pela classe média, avaliza políticas de controle e repressão com a esperança de que seu problema seja dissipado. O problema é que, dominados pelo individualismo moderno e pela integração pela via do afastamento, os agentes promovem o fim dos antigos e sólidos laços sociais em prol de uma tentativa desenfreada, ao mesmo tempo incerta, de superar a insegurança em que imaginam viver.

Através do “derretimento” das relações sociais, antes “solidificadas”, as pessoas estão se tornando, a cada dia, mais individualistas e, atrelado a isso, vem o medo, a fobia em se relacionar com o outro. Segundo Bauman (2009, p. 43) esse comportamento da sociedade origina a chamada “mixofobia” (medo de misturar-se). Segundo ainda o referido autor, as pessoas têm medo, fobia em se relacionar com outros indivíduos que não estejam dentro do seu círculo de confiança.

Nessa perspectiva, Menezes (2012, p. 352) aponta que:

Incapazes de resolver os seus “problemas”, os cidadãos passam a procurar supri-los nas promessas mercadologicamente montadas para isso, criando o que Bauman (2009) chama de uma verdadeira “mixofobia” – o desejo de segurança, que se confunde com o isolamento e com a suspeita crescente com relação ao “outro” e ao “diferente”. Nada de mistura nem de aproximações. Somente os muros e os condomínios fechados podem, nessa perspectiva, resolver o problema das pessoas.

O problema da mixofobia acaba por refletir os sentimentos de medo e desconfiança das sociedades modernas. Bauman (2009) classifica esse comportamento como inseguranças modernas, onde, segundo ele, “é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos” (p. 16). O medo de se misturar, interagir com o outro, resultado do individualismo moderno, cria na sociedade uma grande fobia, de modo que as pessoas já não confiam mais umas nas outras.

Dessa forma, as transformações ocorridas em várias cidades têm instigado muitos autores ao debate sobre a cidade pós-moderna, que acabou deixando de ser a cidade dos encontros para ser a cidade dos desencontros. Monta-se então uma nova possibilidade de leitura geográfica, agora centrada na cidade como expressão de novíssimas escolhas sociais. Para além de um espaço concreto e de relações de interdependência, a cidade passa a ser um conjunto

fragmentado de preferências sociais mediadas pelas incertezas do medo e da violência, onde alguns espaços específicos passam a ser repensados e construídos segundo significados e usos a estes atrelados.

2.3 O espaço “escabroso” e o “espaço nervoso”

A influência do medo e da insegurança está presente em quase todas as cidades, conseqüentemente a sociedade tem se mostrado preocupada em amenizar os impactos causados pelo medo no espaço urbano. Isso significa que a influência da violência e do medo acaba modificando a rotina das pessoas, ou seja, alterando o comportamento diário e modificando a paisagem das residências.

A respeito disso, as cidades que antes eram vistas como espaços livres da violência, foram se transformando, ao longo dos anos, em verdadeiros espaços de medo, sofrimento, aspereza, crueldade, angústia e perigo. Nesse sentido, percebe-se que a população da cidade passou por constantes transformações: sociais, econômicas, políticas e culturais, onde as pessoas tentam se proteger da violência se isolando uma das outras.

Partindo desse pressuposto, Bauman traz, a partir da sua obra “confiança e medo na cidade” (2009), importantes reflexões relativas à vivência social nas cidades contemporâneas, com foco na questão da violência e do medo.

Para que possamos entender melhor as transformações que levaram a situação atual das cidades, o autor mencionado destacou dois conceitos que são importantes para a realização deste trabalho: O “espaço escabroso” e o espaço nervoso”, onde ele destaca que:

O “espaço escorregadio”, um “espaço inatingível”, pois as vias de acesso são tortuosas ou inexistentes; “o espaço escabroso”, que não poder ser confortavelmente ocupado, sendo defendido por expedientes como borrifadores instalados nos muros, úteis para expulsar vagabundos, ou bordas inclinadas que impedem que as pessoas se sentem; e o “espaço nervoso”, que não se pode usar sem ser observado, por causa da vigilância ativa de grupos de patrulhamento e/ou de tecnologias de televigilância conectadas a estações de controle” (BAUMAN, 2009, p. 42-43).

Todas essas características vão, efetivamente, refletir nas paisagens urbanas. Hoje, as residências são cercadas por imensas muralhas, cercas farpadas e/ou elétricas. Como numa guerra, as cidades estão entrincheiradas, onde as tropas querem se proteger do conflito. O sentimento de medo, ao transformar as paisagens das cidades criam, conseqüentemente, diferentes espaços de sofrimento.

As pessoas hoje preferem viver isoladas, sozinhas. Isolam-se dentro de suas casas e/ou apartamentos, onde se sentem “protegidas” pelos muros, pelas câmeras de vigilância. Os chamados medos modernos, fruto do individualismo do homem e da fragilização dos vínculos

afetivos da sociedade (BAUMAN, 2009), tornam a sociedade egocêntrica, de modo que esse sentimento acaba por refletir nas paisagens urbanas, originando as paisagens do medo.

Diante do exposto, percebe-se que essa é a nova realidade nas cidades modernas, cujo intuito em entender o problema da violência e do medo na cidade é de certa forma buscar compreender as relações econômica, sociais e políticas, reveladoras de mudanças no comportamento diário, fazendo com que as pessoas modifiquem suas relações e suas formas de viver no espaço urbano. Para Bauman (2003, p. 10), para que nos sintamos seguros é necessário abirmos mão do direito de ir e vir, da nossa própria liberdade de frequentarmos ambientes públicos fazendo com que se crie uma barreira entre liberdade e segurança.

Em vista disso, todas essas práticas acontecem no espaço urbano, produzindo novos aspectos paisagístico causadores de desconfiança. Logo, viver na cidade é sinônimo de escolha, pois, os lugares dos encontros, do trabalho e do lazer, estão demarcados por equipamentos de tecnologia de segurança, transformando o espaço público em um ambiente de medo e incerteza.

Faz-se urgente então uma atualização das interpretações geográficas acerca dos sinais paisagísticos que possam revelar os espaços escabrosos e nervosos na cidade. Enquanto território de encontro das diferenças, resultado e condutora das desigualdades, e por isso mesmo também espaço de conflitos sociais, a cidade se revela como palco dessas novas disposições em relação às sociabilidades. As cidades passam a ser espaços de distanciamento num mundo que remodela os encontros; logo, um espaço incerto e inseguro diante de uma vida pautada na insegurança e na falta de sentido.

Portanto, a fim de se estabelecermos um elo entre os conceitos e o exercício de interpretação do nosso espaço cotidiano, apresentaremos a seguir algumas apreciações sobre as paisagens do medo e da violência em Arapiraca - AL

3. PAISAGENS DO MEDO EM ARAPIRACA – AL

3.1 A constituição histórica de uma cidade chamada Arapiraca – AL

A formação histórico territorial de Arapiraca teve início com a expansão da atividade pecuarista dos criadores de gado em meados do século XVI em sentido ao que nos dias de hoje se identifica a região agreste do Estado de Alagoas. Antes desse acontecimento a atividade pecuarista consistia-se na região da zona da mata. Nesse sentido, ocorreu a expulsão dos índios que viviam nessas terras, as quais pertenciam a tribo dos Caetés (SOUZA; MARISCO, 2009, p. 61).

Na primeira metade do século XIX, o fundador da cidade Manoel André Correia dos Santos foi agraciado pela sombra de uma árvore frondosa conhecida por Arapiraca, que significa - ramo que a arara visita (figura 1), onde descansou depois de suas andanças. Logo, surgiu o povoado de Arapiraca que ao passar dos anos se transformou na cidade mais importante do interior de Alagoas através da evolução do fumo, que foi o fator primordial para o desenvolvimento do município (GUEDES, 1999, p. 19).

Figura 1 - Árvore Arapiraca



Fonte: Enciclopédia municípios de alagoas, 2012.

É discutido por vários habitantes da cidade, que Manoel André ao descansar na sombra da árvore chamada Arapiraca, expressou as seguintes palavras: “Essa Arapiraca, por enquanto, é a minha casa” (GUEDES, 1999, p. 14). É nesse sentido que Arapiraca passou a ser um símbolo de muitos alagoanos que o acolheram como sua própria casa.

Contam ainda os ramos ascendentes que, em seguida, Manoel André construiu, a sombra da árvore, uma cabana de madeira coberta com cascas de angico, onde passou os primeiros dias, enquanto fazia surgir a primeira casa, numa distância de cem metros, onde se instalaria com a família que viera de Cacimbinhas, no mesmo ano de 1948 (GUEDES, 1999, p. 14).

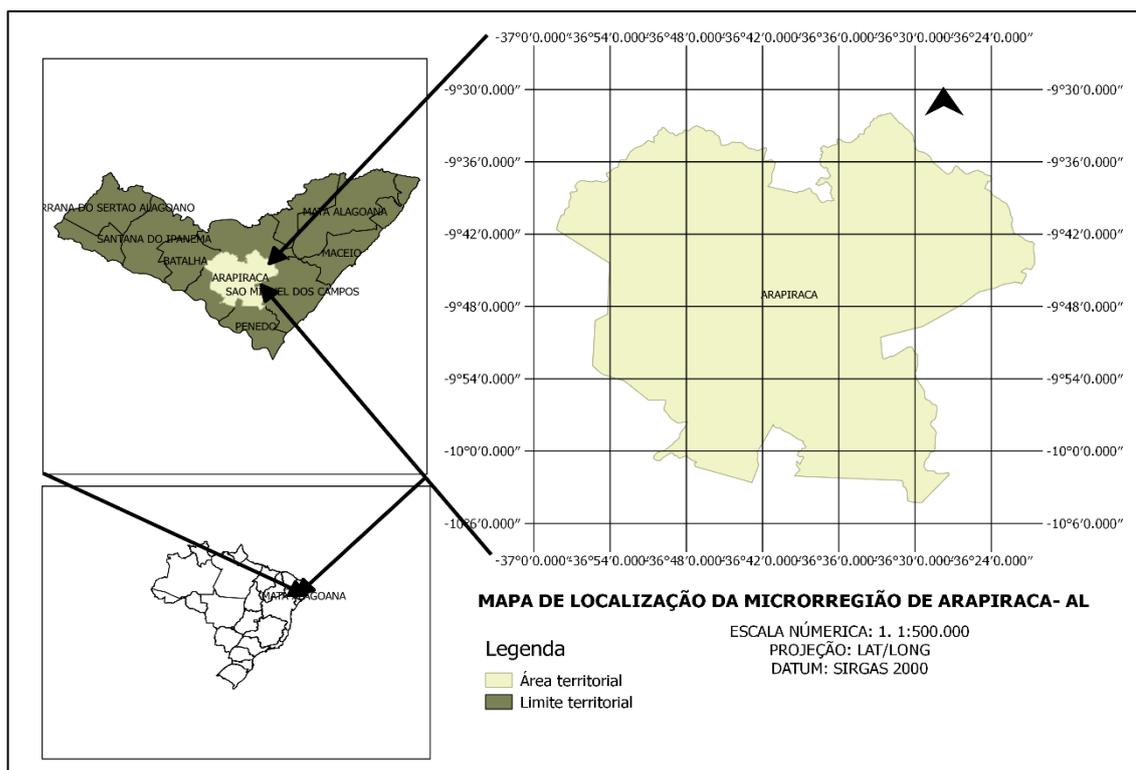
Entende-se que mesmo antes da sua emancipação política, que aconteceu em 1924, as atividades agrícolas que já iniciavam a se concretizar como principal atividade comercial da cidade em meados do século XIX em 1884, foram essências para colocar a cidade no nível em que se encontra nos dias de hoje. Para Lima (1955, p. 229), “na verdade, sua própria emancipação política, relativamente recente, reflete o aumento de sua expressão econômica, acelerada pela especialização da vida agrícola que aí se operou”.

A região Agrestina onde encontra-se situada Arapiraca, é uma região de transição entre a zona da mata e o sertão, é uma área de transição entre a vegetação da caatinga e da mata atlântica, logo, Arapiraca localiza-se na parte central do Estado de Alagoas, (figura 2), no que muitos chamam de rota de passagem, um ponto de várias rodovias estaduais que serve como caminho para os que se deslocam do interior de Alagoas, e para os que se deslocam para outros Estados. “Lugar de chegadas e partidas, Arapiraca desde as suas origens, apresentava grande vocação para as interações comercial e social” (PLANO DECENAL DE ARAPIRACA, 2014, P. 29).

O seu clima é temperado, sendo considerado um dos mais convenientes do Estado. Apresenta uma temperatura média de 27°C. tendo uma variação máxima de 34° e mínima de 20°C, no verão, especialmente pelos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março quando se concentra o calor, as noites são frias e agradáveis, e apresenta um regime de chuvas considerado regular para a região (EDUCAR; USP, 2006, p. 01).

Boa parte da cidade encontra-se em um planalto bastante amplo, que recebe várias denominações locais, como: Serra da Mangabeira, Serra da Corcunda e Serra da Massaranduba. Limita ao norte com o município de Igaci, ao sul com o município de São Sebastião, ao leste com os municípios de Coité do Nóia e Limoeiro de Anadia, a Oeste com os municípios de Lagoa da Canoa e Feira Grande, a noroeste com o município de Craíbas e a Sudeste com o município de Junqueiro (SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL, 2005, p. 07).

Figura 02. Localização da Microrregião de Arapiraca - AL



Fonte: Base Cartográfica ZAAL, 2014 – **Autor:** SANTANA, Gutemberg Santos. **Data:** 23/07/2018.

Percebe-se que mesmo em alguns Estados do nordeste como Paraíba, Pernambuco e Bahia, a faixa da região Agreste é conhecida pelo crescimento acelerado e dinâmica urbana de cidades como Campina Grande, Caruaru e Feira de Santana.

Atualmente, Arapiraca possui uma população de 229.329 habitantes (IBGE – 2014) e uma área de 356,179 km², totalizando uma densidade populacional de 643,85 hab/km². Arapiraca sempre teve sua importância no Estado pelo seu rápido crescimento populacional, e por sua crescente economia que de certa forma movimentava comercialmente as demais regiões circunvizinhas. O escritor J. Silveira relata de forma simples e eficiente esse crescimento comercial de grande importância para município:

Arapiraca é uma cidade de grande movimento comercial, centro da produção de fumo do Estado, com 19.749 habitantes, embora de recente construção. É servida pela Rede ferroviária do nordeste, linha de Porto Real de Colégio, serviço rápido de ônibus para Maceió e outras cidades. Tem bonitas praças arborizadas, ruas bem calçadas e edificação moderna. (SILVEIRA, J, 1963, p. 65).

Sendo Arapiraca uma cidade de menor relevância do que a capital Maceió, o autor mencionado acima aponta que a população de Arapiraca era mais crescente, comentando ele

que o crescimento populacional, há alguns anos configurava um dos principais fatores do município, o que impulsionava a atividade comercial da região.

A população Arapiraquense é composta por residentes naturais, mas foi através dos fluxos migratórios que ajudaram abundantemente para o aumento da população. Esses fluxos migratórios eram constantes e formados por várias pessoas de diversas regiões. Guedes, em seu livro *Arapiraca através do tempo* afirma que “Arapiraca muito cedo começou a despertar a atenção do chamado ‘povo de fora’. Muita gente, ao receber informações da próspera vila, procurava conhece-la” (GUEDES, 1999, p. 23). É nesse sentido, que podemos afirmar que muitas pessoas optavam por morar e construir suas vidas em Arapiraca, essa são uma das causas que demonstram o grande crescimento do município em poucos anos de sua formação.

Outro ponto que deve ser relatado, é que o crescimento da cidade de Arapiraca se deu de forma desorganizada, porém, o planejamento de ocupação do solo urbano não foi executado eficiente. Há falta de políticas públicas que possibilitem a fixação dos produtores e famílias do campo para a produção de seus produtos, onde isso tudo acaba ocasionado um grande êxodo rural. A cidade cresce dependendo de recursos federais, como vários municípios alagoanos. “Em muitos aspectos, Arapiraca se mostra como a vila que cresceu rapidamente demais” (NARDI, 2006, p. 25).

Em termos econômicos, o município de Arapiraca possuía, em 2011, um PIB na ordem de 2,174 bilhões de reais, caracterizando 7,6% do PIB estadual, segundo dados da Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico.

Sendo assim, analisaremos como se deu o crescimento histórico territorial de Arapiraca, tendo como elemento primordial para o crescimento do município a cultura do fumo e a feira livre. Discorrendo sobre os fatores que levaram Arapiraca a ser uma das cidades mais importantes do Estado, além dos fatores que levaram o ciclo fumageiro ao seu declínio e como a economia conseguiu se adaptar aos momentos de crise.

O desenvolvimento de Arapiraca não aconteceu por ocasião da cultura canavieira, mas, por intermédio da cultura do fumo, se fortalecendo na segunda metade do século XX, como bem explica Lima (1965, p. 243) “cultiva-se precariamente por toda a Alagoas, mas é no Agreste a sua maior densidade, tendo como centro principal Arapiraca”.

Nesse sentido, Arapiraca teve a intervenção de uma agricultura diversificada e da própria feira livre, que devagarinho começava a ter um lugar na vida econômica de Arapiraca, com uma intensidade cada vez mais profunda, como podemos analisar atentamente na figura 3, onde observamos os arapiraquenses comercializando seus produtos.

Figura 3 - Vista parcial da feira livre de Arapiraca – AL.



Fonte: Prefeitura de Arapiraca, 2017.

É evidente que, Arapiraca por ser a segunda maior cidade do Estado de Alagoas, ao longo do tempo, foi se constituindo ao redor do município a denominada região fumageira de Arapiraca. Como bem explica Jean Baptiste Nardi:

Associado, por exemplo, a um critério geográfico, os municípios vindos de limoeiro de Anadia estariam mentalmente vinculados ou voltados para capital, Maceió, enquanto os demais estariam mais atraídos pela bacia do rio São Francisco. O caráter urbano de Arapiraca, segunda maior cidade do Estado de Alagoas, funcionando como uma “capital do interior” também deixa supor uma cultura específica no seu município em relação aos vizinhos que permaneceram mais rurais (NARDI, 2004, p. 21).

Como bem destaca Moraes (p. 22), o elemento primordial para circulação do fumo no município de Arapiraca foi a ação de agricultores insatisfeitos com a agricultura de subsistência que cultivam vários produtos, como a mandioca, que com o tempo foi substituída pelo tabaco. Entretanto, antes desse desenvolvimento do fumo que levou a cidade ao patamar que se encontra atualmente, a cidade acatou outros tipos de atividades como a feira livre, que também foi responsável pelo desenvolvimento do município.

Dessa forma, podemos afirmar que a origem da economia de Arapiraca está focada na feira livre que ainda hoje desenvolve suas atividades tanto na zona rural, como na zona urbana. Conforme relata Guedes (1999, p. 285), “a feira livre foi através do tempo, acompanhando

passo a passo o desenvolvimento de Arapiraca, pois cresciam ao mesmo tempo a produção agrícola, a feira e as atividades comerciais”.

A produção foi crescendo cada vez mais, logo, a cidade começou a produzir variados tipos de produtos, principalmente na zona rural, que eram vendidos na feira livre, como o fumo, a mandioca, o feijão e o milho, sendo estes dois primeiros um dos principais produtos comercializados pelos arapiraquenses durante muito tempo. Conforme relata Lima:

Mesmo dentro do município o cultivo do feijão, do milho, do algodão e da mandioca ainda é observado, mas afastado o núcleo de produção de fumo, que tem seu centro em volta da cidade. Geralmente esses outros cultivos são feitos em trechos do município do relevo um pouco mais acidentado, onde os afloramentos do embasamento rochoso são mais frequentes (LIMA, 1955, p. 232).

No meio rural, houve a confirmação e a expansão da divisão fundiária em várias propriedades. Na perspectiva social e econômica, o fumo gerou lucros, recursos que ajudaram com a expansão da cidade. Jean Baptiste Nardi enfatiza que: “A indústria atraiu dinheiro de fora pela venda de seu produto, aumentou o volume e a circulação interna, fortaleceu e ampliou as atividades econômicas e melhorou o padrão de vida da população urbana” (NARDI, 2004).

Em 1950, se instala em Arapiraca a primeira firma internacional, denominada a Exportadora Garrido. A partir daí vão acontecendo várias instalações de indústrias internacionais, todas com o objetivo de disputa pela folha do fumo para exportação (CARVALHO *et al.* 2006).

Em relação a administração pública da cidade, observa-se que Arapiraca é sede de vários órgãos como a coordenadoria regional do ensino, escritórios de abastecimento das companhias de energia elétrica, na área de educação encontra-se a Fundação Universidade Estadual de Alagoas (FUNESA), que hoje denomina-se Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e outras faculdades privadas como o Centro de Ensino Superior de Maceió (CESMAC) e entre outras que de certa forma contribuíram com desenvolvimento econômico e social da cidade (Souza e Marisco, 2006, p. 9).

A cidade possui uma variedade de produtos que contribuem para movimentar e empurrar as principais atividades comerciais do município, especialmente a produção do fumo considerado o principal produto comercial da região.

Nesse aspecto, comenta Silveira (1963, p. 65) que:

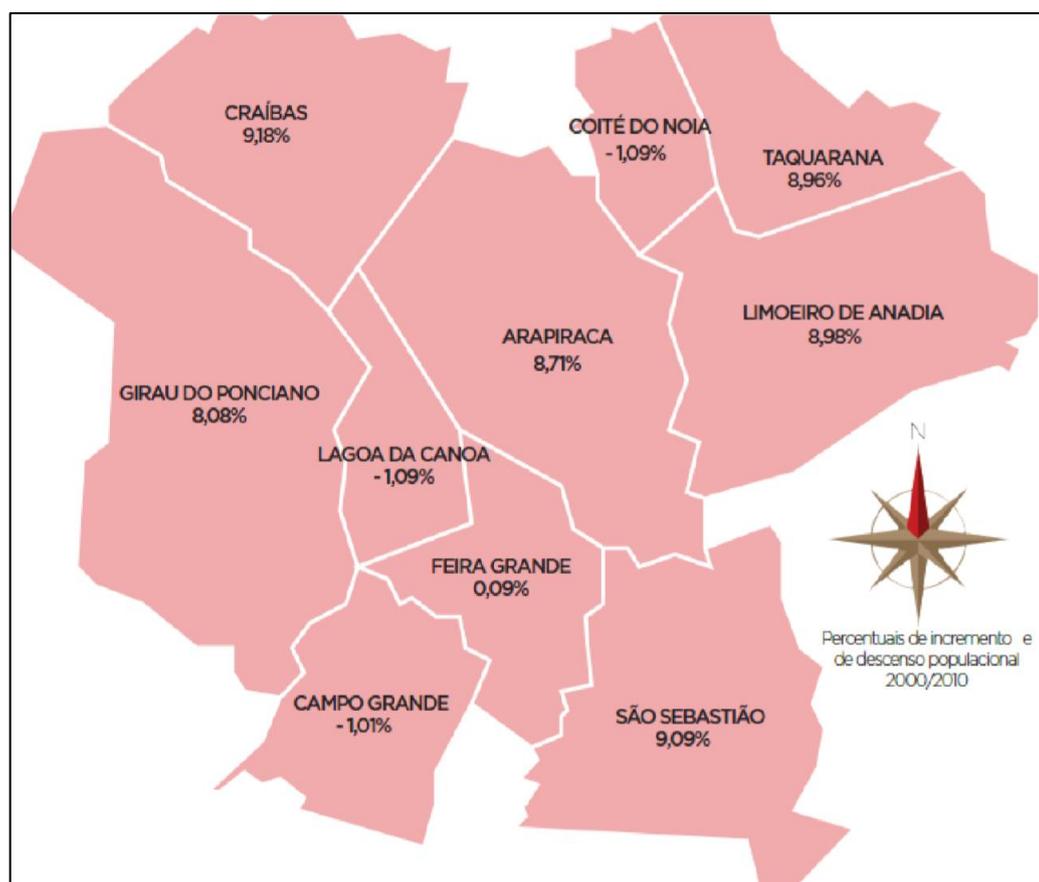
Arapiraca é uma cidade de grande movimento comercial, centro da produção de fumo do Estado, com 19.749 habitantes, embora de recente construção. É servida pela Rêde Ferroviária do Nordeste, linha de Porto Real do Colégio, serviço rápido de ônibus para

Maceió e outras cidades. Tem bonitas praças arborizadas, ruas bem calçadas e edificação moderna.

O cultivo do fumo em Arapiraca teve início nos anos de 1880, com iniciativa dos produtores infelizes com a agricultura de subsistência, que tinha como cultivo a mandioca como atividade principal (GUEDES, 1999, p. 66).

Afirma Souza e Marisco que a região produtora de fumo compreende 13 municípios, onde Arapiraca é o principal produtor, seguido dos municípios de Lagoa da Canoa, Feira Grande, Coité do Nóia, Girau do Ponciano, Limoeiro de Anadia, São Sebastião, Teotônio Vilela, Taquarana e Campo Grande (Souza e Marisco, 2006, p. 8).

Figura 04 – Região Fumageira de Arapiraca.



Fonte: Enciclopédia municípios de Alagoas, 2012.

A cultura do fumo em meio a década de 1940 foi o fator primordial que impulsionou a economia arapiraquense, que se tornou o maior eixo fumicultor do nordeste entre 1940 até 1970 (GUEDES, 1999). A figura 2 relata um campo de plantação dessa cultura. Essa cultura do fumo vem a partir do período colonial, em meados de 1950, no Estados da Bahia e Pernambuco, no qual Alagoas fazia parte, como fala Nardi:

Segundo relatórios holandeses, por volta de 1630, o fumo é cultivado na região de Porto Calvo, e no litoral sul, sendo o primeiro de melhor qualidade. Entretanto, a ocupação holandesa, com os conflitos que ocasionava, favorece o crescimento da cultura na Bahia que se consolida como primeira região fumageira do Brasil colônia (NARDI, 2004, p. 34).

Nos dias de hoje, o fumo encontra-se em crise, devido à queda de produção, da perda da competitividade e do consumo. A região Agreste do Estado de Alagoas passou por vários momentos de ascensão e crise em meados de 1990, ano que ficou marcado como a crise do fumo em Arapiraca, com bem explica Oliveira (2007) “O sistema agro-industrial fumageiro, solidamente instalado na região de Arapiraca até os anos 80, começa a sofrer crises sucessivas em suas duas cadeias produtivas do fumo em corda e do fumo em folha, a partir de da década de 90”.

Já na questão de grandes empresários, o setor fumageiro limita-se a poucas empresas, uma distingue o fumo para capa de charutos e outras produzem o fumo de corda desfiado. O que se vê atualmente é um setor fumageiro em crise e sem perspectiva nenhuma de recuperação. Todos esses fatos levaram os produtores a tentarem encontrar uma solução de cultivo que possa solucionar o problema da escassez de fumo na região.

Conforme apresenta Nardi, a origem da crise do fumo se estendeu entre os anos de 1974 e 1978 com o aumento do valor do fumo no Estado da Bahia que foi provocado pelo o aumento da procura do fumo em Alagoas onde o preço era a metade do preço do fumo na Bahia. Isso fez com que os agricultores produzissem cada vez mais o que ocasionou a entrada de produtores na região, ocasionando uma demanda de produto superior a demanda. Segundo Harvey, é fatal a crise diante desses problemas, diante das medidas que venham ser tomadas para pacificar a consequências:

Os excedentes que não podem ser absorvidos são desvalorizados; algumas vezes, são até destruídos fisicamente. O capital pode ser desvalorizado como moedas (por meio da inflação ou da inadimplência sobre a dívida), como mercadoria (como estoques não vendidos, vendas abaixo do preço de custo, perda física) ou como capacidade produtiva (instalação física ociosa ou subutilizadas). A renda real dos trabalhadores, seu padrão de vida, seguridade e até oportunidades de vida (expectativas de vida, mortalidade infantil etc.) são muito avaliados, especialmente para aqueles jogados na categoria dos desempregados. A infra-estrutura física e social, que serve como suporte decisivo para circulação do capital e a reprodução da força de trabalho, também talvez seja negligenciada. As crises de desvalorização geram intensas ondas de choque em todos os aspectos da sociedade capitalista. Frequentemente criam tensões sociais e políticas agudas. Assim, como agitação provocada, novas formas políticas e ideologias podem emergir (HARVEY, 2005, p. 133).

Segundo Nardi, outro fator importante que contribui para a crise foi a baixa qualidade de fumo produzida em Arapiraca. Podemos observar isso na explicação de Nardi:

Mas o maior problema atual é a descoberta recente da presença no fumo de *nitrosaminas*, substâncias muito cancerígenas também existentes em produtos alimentícios defumados. No caso do fumo de Arapiraca, registraram-se teores altíssimos, até 20 vezes superiores ao máximo estabelecido pelas autoridades sanitárias. Soubemos que a ALTADIS não vai mais comprar fumo de Arapiraca este ano e o futuro da produção de fumo em folha está comprometido. A solução está na pesquisa agrônômica e química e temos que aguardar os primeiros resultados para saber se essa cultura poderá continuar neste Estado (NARDI, 2004, p. 55).

Dessa forma, como já mencionado anteriormente, o setor fumageiro estagnou e Arapiraca teve que de certa forma procurar outra maneira de crescimento econômico, ou seja, teve que diversificar sua econômica para que a cidade continuasse sendo o maior polo econômico do interior do Estado de Alagoas. Nesse sentido, Feitosa (2014, p. 35) faz o seguinte comentário: “Hoje, ao observar áreas que outrora eram plantações de fumo, vê-se uma agricultura bem variada e um cinturão verde desejável, que abastece não só as cidades que compõem o que antes era a região fumageira, como também a própria capital”.

Hoje em dia, Arapiraca vem ganhando espaço no cenário nacional. Vem exercendo seu papel na rede urbana, na medida em que passa a fornecer produtos variados, serviços públicos e privados diferenciados, e mais modernos do que os da própria capital, Maceió (SOUZA, MARISCO, 2009, p. 62).

Outro fator importante que podemos destacar, é a respeito da agroindústria, um elemento que vem ganhando forças no cenário econômico de Arapiraca. Há alguns anos, verbas do governo vem sendo investidas no ramo da agroindústria o que ajudou no crescimento da cidade e na produção do consumo.

Em agosto de 2010, foi publicado uma matéria pela revista veja em que colocava Arapiraca como uma das 22 cidades brasileiras considerada metrópole do futuro. Já em uma outra matéria publicada pela revista Exame, aponta que Arapiraca é a sétima cidade em previsão do crescimento do consumo.

Nesse sentido, percebemos o grande crescimento da cidade de Arapiraca com a chegada de grandes empresas que colaboraram com o seu desenvolvimento, onde podemos destacar várias empresas como, o Grupo Coringa, uma empresa centrada na produção de alimentos tendo como elemento primordial a produção de milho para fabricação de seus produtos que são vendidos para vários países. O Atacadão, uma empresa filiada da rede de supermercados Carrefour, que emprega vários trabalhadores em respectivas áreas, e o shopping center que é grande novidade da cidade que também emprega centenas de trabalhadores em respectivas funções, além da variedade de produtos globalizados que são comercializados pelo interior.

Portanto, tendo como objetivo de estudo analisar as modificações impostas pela violência através das paisagens do medo, procuraremos demonstrar as transformações ocorridas na paisagem urbana da cidade de Arapiraca-AL, tema do nosso próprio capítulo.

3.2 A constituição histórica da violência urbana em Arapiraca – AL

A cidade é produzida coletivamente, apropriada de modo individual e conforme a renda, gerando espaços diferenciados e segregados. Esses fatores são evidentes no processo de expansão das áreas urbanas, onde podemos observar as rugosidades desses processos em cada realidade urbana da cidade.

No Brasil, o problema da violência é entendido como um problema social, acompanhado aos processos tardios de industrialização e urbanização. A atual configuração de segregação socioespaciais da expansão da violência na cidade de Arapiraca são consequências desses dois processos.

É inegável que vivemos dias difíceis, a violência em toda sua plenitude tem envolvido grande parte da sociedade. Ao observamos o cenário atual da violência urbana, nos atentamos para os fatores que contribuíram para expansão da violência em Arapiraca, onde podemos apontar como principais fatores o crescimento urbano desordenado, em razão do acelerado processo de migração de várias pessoas de diversas regiões para Arapiraca. Esse crescimento desordenado veio acompanhado pela falta de planejamento, em relação a infraestrutura urbana, emprego, moradia, saúde, educação, qualificação e entre os fatores que desencadeou uma série de problemas sociais que ocasionaram no aumento da violência.

Não se espera com isso, reforçar o comentário feito por muitos estudiosos que a migração é a causa do aumento da violência nos espaços urbanos. É importante deixar evidente, que devido à complexidade envolvida, violência urbana não pode ser reduzida a uma causa única (MISSE, 2008, p. 34).

Com o passar dos anos intensificaram-se cada vez mais o crescimento desordenado, ou seja, uma explosão da concentração demográfica na cidade, com ocupações irregulares e precárias, tendo como consequência vários problemas sociais. Nesse sentido, Arapiraca passou a ser vista como uma cidade do medo, de pessoas pobres e de altos índices de violência.

Com uma concentração demográfica formada por uma população predominantemente rural e uma estrutura econômica baseada no fumo, Arapiraca passou por constantes processos de industrialização e urbanização. Com isso a urbanização se caracterizou de forma irregular, gerando problemas urbanos como, loteamentos irregulares, favelas e cortiços.

Vale ressaltar, que o quantitativo populacional não pode ser levado em conta como o principal fator da expansão da violência na cidade, pois o processo de ocupação e urbanização dos espaços, impulsionados pela falta de políticas públicas de natureza generalizadora como a de saneamento básico, trabalho, renda e entre outros, são fatores que nos fazem entender o fenômeno da violência e do medo na cidade, então, à medida que a cidade passou a crescer, sem planejamento, sua população foi se dividindo em diversos espaços, o centro foi ocupado pela elite, outros espaços pela classe média, e uma periferia crescente que cada vez mais foi se expandindo por todos os lugares desocupados da cidade.

Segundo Santos (2008), o início desse processo ocorre com o crescimento da população e o desenvolvimento do espaço urbano. As pessoas começaram a buscar em Arapiraca uma melhor condição de vida e oportunidade de trabalho que no campo não tinha, logo, a industrialização contribuiu para o desenvolvimento desse processo facilitando as pessoas nas necessidades de emprego. Esse crescimento desordenado de forma descontínua fez da cidade de Arapiraca um espaço de muita violência, colocando em risco a qualidade de vida das pessoas. A segregação e a desigualdade social, a pobreza, a falta de infraestrutura, emprego, a escassez de serviços como saúde, transporte e educação se tornaram problemas constantes na cidade e, segundo Santos (2008), o crescimento urbano significa também o crescimento desses problemas.

Essa proliferação da violência fez com que a cidade de Arapiraca mudasse o seu aspecto paisagístico, as casas passaram a serem construídas a partir da estética do medo, percebida nos muros altos, cercas e equipamentos de segurança. Assim, a mudança dessa nova forma de morar pelos moradores de Arapiraca estão atreladas a violência presente na cidade e a sua expansão como parte do cotidiano urbano que propiciou o mercado a oferecer a tão falsa moradia segura, aqueles que podem por ela, ampliando os lucros e ratificando a segregação espacial.

Esse aumento constante da violência em Arapiraca resultou em diversos problemas, nesse contexto destaca-se as transformações na organização espacial e a segregação socioespacial, evidenciada pelo aumento na criação de muros, condomínios e equipamentos de segurança que tem como principal ponto de atração a segurança privada. Segundo Lira (2009, p. 119).

A violência emana dessas contradições e hierarquizações sócio-espaciais geradas pela lógica do desenvolvimento do capital, atingindo todos os estratos da sociedade. Como visto, sua distribuição não ocorre de maneira homogênea pela trama urbana. Ela desdobra-se a partir de mudanças ligadas à especificidade geográfica das diferentes zonas da cidade.

No caso de arapiraca, a cidade começou a se destacar como um centro atrativo de população, mas o direito de morar num espaço em que possa exercer o direito à cidadania não foi igual para todos. Os indivíduos se diferenciam pelos lugares onde moram (SANTOS, 1992), assim como a criminalidade que lhe é dirigida. Nos bairros, cuja configuração urbana assume uma ordem diferente da dos sujeitos que podem pagar pelo exercício pleno da cidade, tem-se a vivência diária dividida entre a violência e o medo. Porém, esse medo é contingente nos outros bairros. Dessa forma, o que se vê em Arapiraca é o seu crescimento desorganizado e a sua população foi se agregando a disponibilidade da área de moradia, o que foi transformando os espaços da cidade em espaços da violência, ou seja, espaços violentamente homogeneizados.

Diversos elementos podem ser analisados nesse momento, o mais compreensível é que a industrialização desencadeou o processo de urbanização e retroalimentou o seu crescimento. Esse processo dá lugar às mudanças na estrutura das cidades como, por exemplo, na formação de áreas periféricas e favelas. Tal mudança ocorre quando o espaço da cidade requer condições propícias para a instalação dos mecanismos de desenvolvimento econômico público ou privado.

Dessa forma, é possível compreender que os lugares onde existem uma baixa estrutura econômica ou até mesmo do Estado, possibilita que os locais mais afastados do centro da cidade se tornem lugares mais propícios a violência.

Nos bairros periféricos de Arapiraca foram se expandindo as práticas ilícitas como o tráfico de drogas, é impressionante o quanto a polícia consegue apreender diariamente vários indivíduos pelos crimes dessa natureza. O tráfico e o consumo de drogas se expandiram em Arapiraca, principalmente nos bairros Primavera e Manoel Telles onde o consumo das drogas acabaram levando os indivíduos a praticarem outros crimes como, por exemplo roubos e furtos.

Esse comércio ilegal tem crescido grandemente na cidade. Esse comércio funciona de uma forma extremamente organizada. Segundo a polícia militar, é quase que impossível um final de semana que não haja ocorrência de roubo e alguma ação violenta contra o cidadão. A maioria desses acontecimentos são causados por jovens entre 16 e 24 anos. Sobre esse contexto, (BEATO, 2015, p. 79) comenta que:

Isto pode estar acontecendo devido aos fatores “exposição”, “menor capacidade de proteção” e “proximidade entre vítima e agressor”. Indivíduos mais jovens em sua maioria são solteiros, frequentam mais lugares públicos sem se preocupar muito com sua própria proteção. A proporção de agredidos na amostra vai diminuindo à medida que consideramos as faixas etárias mais elevadas, o que pode estar indicando a relação desse tipo de crime com o fator exposição.

Dessa forma, em consequência da proliferação da violência, configura-se um novo espaço fragmentado através da formação de condomínios, onde o preço a pagar pela segurança é altíssimo. Logo, podemos concluir que Arapiraca nos dias de hoje é uma cidade cercada por muros, seus moradores não se arriscam em ter suas casas sem muros, grades, barras de ferro na janela, interfone, fios elétricos nos muros e entre outros, fazem parte da paisagem urbana em virtude da violência e da segregação.

Essa necessidade de se fechar foi uma resposta da população ao medo da violência e que veio a modificar a maneira de viver da população pobre e rica. As populações sentem-se mais limitadas, assustadas, saem menos à noite e discriminam certas ruas apontando como áreas perigosas.

É nesse sentido que podemos afirmar que foi a partir da introdução desses novos modelos de residenciais e a destruição de casas antigas para construção de prédios e condomínios que acabaram influenciando na modificação da paisagem urbana da cidade de Arapiraca.

Então, vemos a importância de nós geógrafos em entender a causa da violência nesses espaços, para que a geografia possa ser usada de maneira correta para os estudos e para devidas soluções sobre esse problema que muitas outras ciências apenas julgam como um fenômeno da sociedade.

Portanto, tendo como objetivo de estudo analisar as modificações impostas pela violência através das paisagens do medo, procuraremos demonstrar as transformações ocorridas na paisagem urbana da cidade de Arapiraca-AL, tema do nosso próprio capítulo.

4. A CIDADE DE ARAPIRACA

4.1 O medo e a violência no Bairro Primavera

A violência e a criminalidade são temáticas novas que começaram a serem estudadas por vários pesquisadores, e dentre eles alguns geógrafos. Esses fenômenos são comprovados por pesquisas que mostram o aumento da criminalidade, especialmente em práticas em que envolvem roubos, furtos e homicídios e a sua relação com a composição territorial e os significados simbólicos inerentes. Partindo desse pensamento, Freitas (2010, p. 35) faz a seguinte reflexão:

Em todo caso, deduzimos que foi com a retomada da geografia cultural que possibilitou a exploração de outros temas. Recentemente, ainda que timidamente, alguns geógrafos têm procurado desenvolver estudos que tratam da “violência” num abordagem territorial, em especial da violência urbana.

Dessa forma, é de grande importância entendermos o fenômeno violência e criminalidade, buscando compreender a relação em que eles se apresentam no espaço urbano a partir dos conhecimentos geográficos.

[...] podemos diferenciar crime e criminalidade da seguinte forma: o primeiro é um fenômeno individual e singular, enquanto esta é um fenômeno social que compromete os processos comuns da vida em sociedade, podendo variar de acordo com o contexto em que está inserida. Logo, a criminalidade pode ser entendida como um conjunto de crimes característicos de um determinado tempo e lugar, e de acordo com as peculiaridades existentes, sendo estas, fundamentais para identificarmos a forma como se apresenta a criminalidade na sociedade, que é peculiar para cada espaço da cidade. Portanto, compreender a maneira como a referida criminalidade se apresenta, em diferentes lugares, é fundamental para análise e prevenção da mesma, pois os lugares apresentam processo de produção espacial e dinâmica territorial distinta, o que acaba permitindo compreender a existência de uma tipologia de criminalidade e violência específica dos lugares (ALVARENGA 2004, *apud* CHAGAS, 2014, p. 192).

Á vista disso, existem vários fatores que influenciam a violência na cidade, tais como: desigualdade social, pobreza, miséria, desemprego, educação, serviços de saúde, falta de policiamento nos bairros e o crescimento desordenado da população que fazem com que os índices de violência venham crescendo cada vez mais. Cárdua (2004) apresenta de forma sucinta alguns elementos de proteção contra a violência na sociedade contemporânea:

Entre os fatores de risco, destacam-se a falta de capital social e a superposição de desvantagem; entre os fatores de proteção, a presença de capital social, o acesso a direitos – em particular, o direito à saúde, à educação, à cultura e ao lazer. Levantamos também os efetivos policiais nessas áreas, pois a incidência de casos de homicídios

com autoria desconhecida é nelas muito alta, o que poderia alimentar a sensação de impunidade (CÁRDIA, 2004, p. 25).

No momento atual, é difícil encontrar alguma pessoa que não tenha medo da violência, seja ela na rua, no ônibus, na praça e até mesmo dentro de sua própria residência. É nesse sentido, que a geografia busca entender os principais fatores que levam essa crescente prática da violência no espaço urbano, procurando compreender as suas causas e consequências.

Com essa constante violência na cidade, a sociedade é obrigada a mudar os seus costumes e seus hábitos, isso vai da classe alta a classe mais baixa, seja pelo medo de ser assaltado a qualquer momento ou pelo medo da insegurança que a cidade oferece.

Ainda em relação a mudança de costumes e hábitos provocados pela violência, percebe-se que a classe alta procura por uma segurança nos lugares distantes das áreas periféricas, buscando um conforto em condomínios fechados, pensando eles que estão totalmente seguros. Oliveira e Carvalho realizam uma importante reflexão sobre o que são esses condomínios fechados e como eles acabam modificando a paisagem da cidade, onde eles relatam que: “os condomínios horizontais fechados, por exemplo são conjuntos de habitações cercadas por muros com entrada única, geralmente controlada por dispositivos como guarita” (OLIVEIRA; CARVALHO, 2016, p. 165).

As paisagens das cidades são formadas pela configuração dos desenhos arquitetônicos e urbanísticos. O aumento progressivo da violência nas cidades brasileiras tem influenciado na arquitetura urbana. Paisagens do medo vem caracterizando os padrões de sociabilidade nas cidades. Tuan (2005, p. 12) comenta que as “paisagens do medo são estabelecidas pelos níveis psicológicos e pelas percepções do ambiente real. Segundo ele o medo é um sentimento complexo”.

Outro autor que discute sobre as paisagens do medo, Zigman Bauman, fala que esse sentimento acompanha o desenvolvimento da humanidade, adquirindo interpretações diferentes no tempo e no espaço. Bauman (2008, p. 08) demonstra que o medo é um sentimento comum a todos os seres, sejam eles racionais ou irracionais. Para o autor mencionado, esse medo pode ser destacado por três tipos de natureza de ameaça: perigo, insegurança e perigo ao indivíduo na sociedade.

Dessa forma, são essas naturezas mencionadas acima que colaboram para a composição das paisagens do medo na cidade de Arapiraca, com a constante sensação de insegurança, os moradores de Arapiraca encontram-se em uma constante corrida pela segurança, alterando suas práticas sociais e proporcionando a configuração das paisagens do medo.

Nesse sentido, constata-se que nas últimas décadas o medo vem intensificando a consolidação de um novo padrão na arquitetura urbana da cidade, como: muros altos, grades, guaritas, cercas elétricas, alarmes, entre outros. Isso torna-se mais propício pelas classes mais privilegiadas, não que as outras não adquiram esses novos padrões de segurança, mas são os condomínios e residências de luxo que adotam com intensidade os elementos da arquitetura do medo.

Nesse sentido, a análise que aqui é desenvolvida busca destacar os aspectos da paisagem do medo de espaços residenciais da nossa área de estudo, a cidade de Arapiraca. Segundo alguns moradores mais antigos, Arapiraca era um lugar calmo e tranquilo, onde as pessoas se reuniam nas calçadas para contar as suas experiências de vida e suas histórias, era um lugar pacato em que a população transitava tranquilamente pelas ruas, sem medo de ser assaltado ou sofrer algum tipo de violência. Jacobs (2014, p. 30) faz uma reflexão a respeito dessa mudança de convivência social entre as pessoas na cidade, onde ele menciona que:

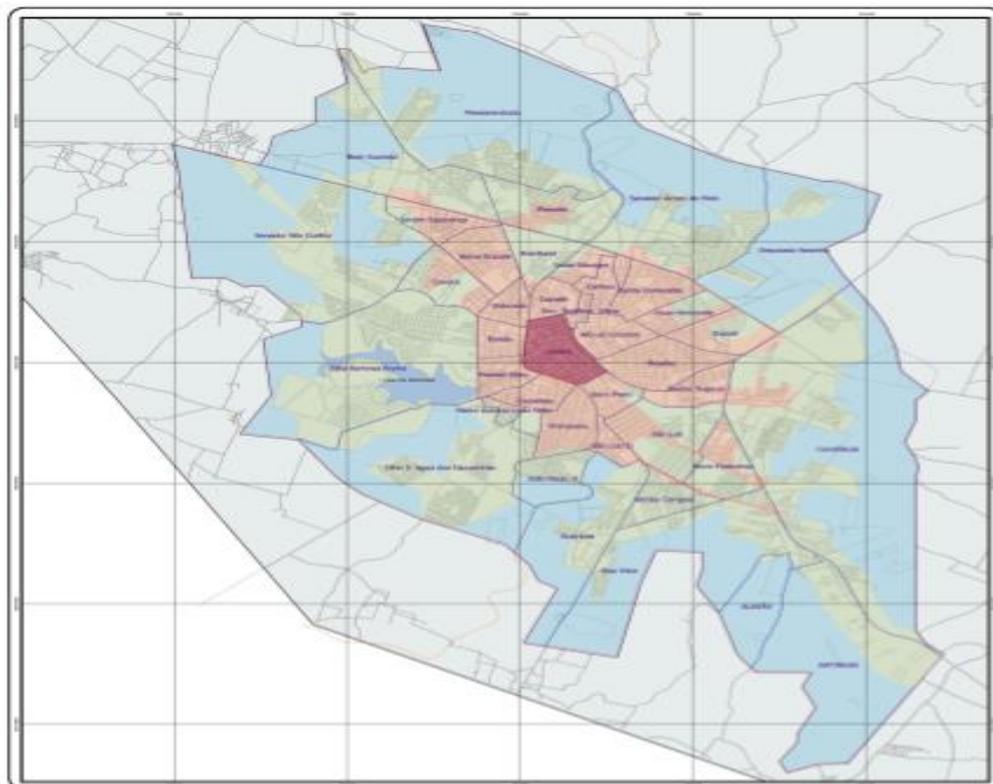
[...] se as ruas da cidade estão livres da violência e do medo, a cidade está, portanto, razoavelmente livre da violência e do medo. Quando as pessoas dizem que uma cidade, ou parte dela, é perigosa ou selvagem, o que querem dizer basicamente é que não se sentem seguras nas calçadas.

Nesse contexto, observamos que houve várias mudanças na cidade, os bairros que antes eram vivenciados por seus moradores hoje apresentam-se com um novo cenário espacial em que a população começa a ter um olhar diferenciado em diversos espaços, distinguindo alguns bairros como lugares perigosos, ou seja, de difícil circulação e convívio social. Costa (2005), destaca como esses espaços foram modificados.

[...] criaram uma nova forma de relação com a rua, pois ficaram isolados e muradas, dando costas para a rua”. Esta nova forma de instalação de ocupação veio associada à instalação de mecanismos de segurança sócio-espacial, tais como grades, guaritas e câmeras de segurança (COSTA, 2003, p. 119).

Em vários bairros de Arapiraca, as desigualdades sociais atuam como fonte da violência urbana, transformando as relações sociais, a arquitetura da cidade, os hábitos e o cotidiano dos moradores, assim como a sua maneira viver.

Figura 5. Mapa dos bairros de Arapiraca – AL



Fonte: Prefeitura Municipal de Arapiraca, 2015.

Ainda em relação a violência em Arapiraca, atualmente a população sofre com índices altíssimos de violência, as pessoas cercam as suas residências com muros altos, câmeras, cerca elétrica, portões de ferro, grades, enfim, utilizam-se dessa nova arquitetura urbana para se protegerem da violência que o cercam. Isso indica um novo padrão de moradia que para se “proteger, elas têm de confiar em seus próprios meios de isolamento, controle, separação e distanciamento. Ou seja, para se sentirem seguras, elas têm de construir muros” que acabam transformando o aspecto paisagístico da cidade (Caldeira, 2000, p. 98).

Nos últimos anos, os índices de violência têm aumentado, tendo números altíssimos que alcançam a própria capital do Estado, Maceió. A medida em que a cidade começou a crescer, sem planejamento, a população acabou de certa forma sendo dividida, houve um processo migratório onde a classe alta foi para os bairros mais nobres e a classe baixa para os lugares periféricos. De acordo com dados do 3º Batalhão da polícia Militar de Arapiraca, podemos perceber que a violência vem aumentando nos bairros mais periféricos. De janeiro a novembro de 2014 foram registrados cerca 821 adultos presos, já em 2013 foram 758, o número de jovens

detidos também aumentou em 37%, tendo os maiores índices nos meses de janeiro e novembro com 21 detidos.

Quadro 1 – Crimes violentos letais e intencionais dos anos de 2014, 2015 e 2016 no município de Arapiraca – AL.

| Anos | Meses | | | | | | | | | | | | Total | Média |
|------|-------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|----|-------|-------|
| | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AGO | SET | OUT | NOV | DEZ | | | |
| 2014 | 17 | 12 | 12 | 12 | 11 | 12 | 15 | 15 | 18 | 10 | 13 | 9 | 156 | 0,43 |
| 2015 | 13 | 8 | 15 | 10 | 7 | 10 | 15 | 11 | 7 | 8 | 17 | 13 | 133 | 0,36 |
| 2016 | 14 | | | | | | | | | | | | 14 | 0,45 |

Fonte: Dados fornecidos pela Secretaria de Estado da Segurança Pública de Alagoas

De acordo com as informações contidas no quadro, podemos afirmar que o ano de 2014 foi onde obteve a maior quantidade de crimes violentos comparado com os anos de 2015 e 2016, mesmo assim a violência continua amedrontando a população de diversas classes sociais, sejam elas nos bairros periféricos, em maior número, sejam elas nos bairros de classe média.

É importante ressaltar que na referida cidade encontra-se uma grande quantidade de pessoas de baixa renda que não tem direito a educação, saúde e lazer, essas pessoas moram em bairros pobres onde as ruas não possuem saneamento básico, pavimentação, espaço para o lazer, coleta de lixo, falta de policiamento nos bairros, e além da falta de iluminação que de certa forma incentivam a prática do crime.

Para Córdia (2004, p. 25):

Entre os fatores de risco, destacam-se a falta de capital social e a superposição de desvantagens; entre os fatores de proteção, a presença de capital social, o acesso a direitos – em particular, o direito a saúde, a educação, a cultura e ao lazer. Levantamos também os efetivos policiais nessas áreas, pois a incidência de casos de homicídios com autoria desconhecida é nelas muito alta, o que poderia alimentar a sensação de impunidade (CÁRDIA, 2004, p. 25).

O que podemos perceber é que o próprio Estado e a própria polícia que tem por sua responsabilidade a segurança da população, acabam sendo os principais causadores da violência contra a sociedade. É nesse sentido que Caldeira (2000) expõem as seguintes palavras:

O aumento da violência é resultado de um ciclo complexo que envolve fatores como o padrão violento de ação da polícia, descrença no sistema judiciário como mediador público e legítimo de conflitos e provedor de justa reparação, respostas violentas e privadas ao crime (CALDEIRA, 2000, p. 101).

Uma notícia publicitada em um jornal de grande circulação da cidade chamado “Minuto Arapiraca” no dia 28/07/2014 traz uma fala do professor de Letras Ronaldo Nobre Leão, da

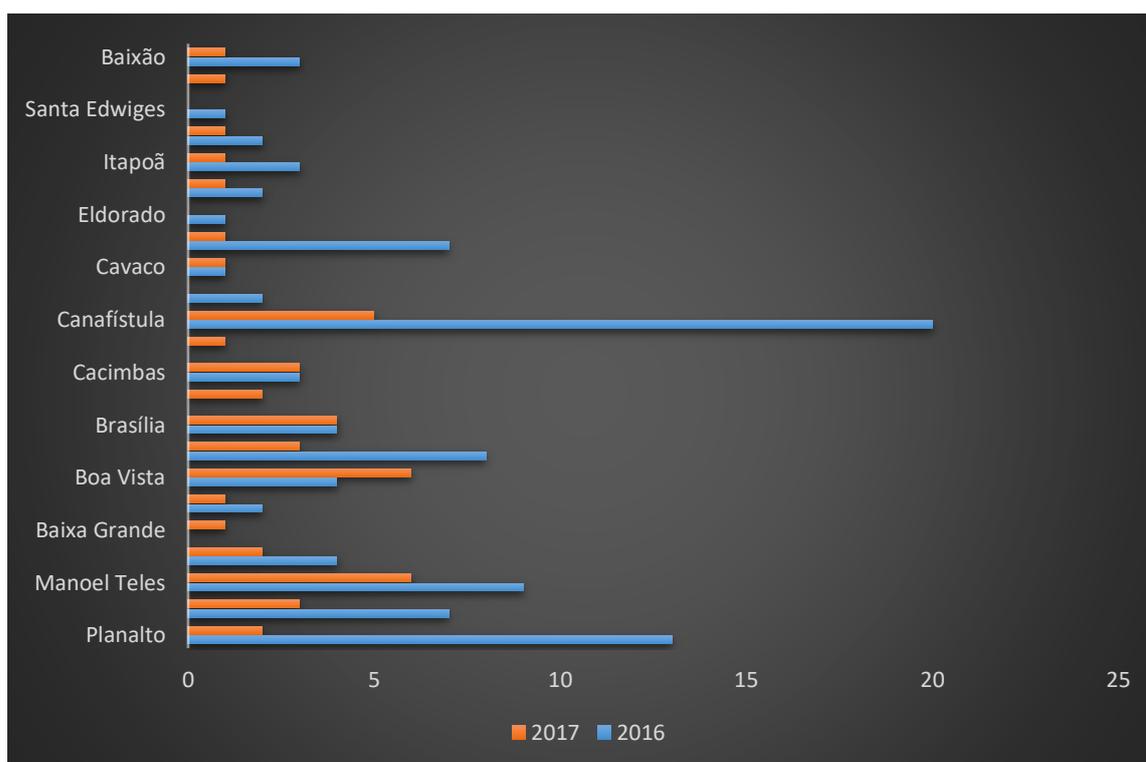
Universidade Estadual de Alagoas (Uneal), que resume bem o atual momento da violência na cidade, onde ele expõe as seguintes palavras:

Ninguém precisa ser cientista social, nem especialista em questões de segurança pública para entender por que Arapiraca é uma das cidades mais violentas do Brasil. Aqui, simplesmente não existem policiais nas ruas, nem viaturas circulando pela cidade. Um absurdo essa situação. Você circula por todo o centro e não avista nenhum policial nas ruas e nenhuma viatura (MINUTO ARAPIRACA, 28/07/2014).

Diante do comentário exposto pelo professor, observa-se que a população vem sofrendo intensamente com a violência em todas as classes e setores, é como se as políticas públicas não fizessem efeitos esperados pela sociedade que sofre constantemente com a violência.

Segundo a Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Alagoas, 948 jovens foram mortos com disparos de arma de fogo. O relatório aponta ainda que 622 casos ocorreram no interior de Alagoas, sendo, Arapiraca, o município mais violento, perdendo apenas para a capital, Maceió.

Gráfico 1: Ranking dos bairros Arapiraquenses com maior número de vítimas de Crimes Violentos Letais e Intencionais Registrados pela SSP/AL (2016/2017).



Fonte: Dados fornecidos pela Secretária de Segurança Pública (SSP/AL).

Outro fator importante que acontece com frequência é acerca do crescimento de jovens nos índices de violência, seja como vítima ou praticantes do crime. Beato Filho (2012, p. 152)

faz a seguinte observação a respeito do envolvimento da juventude com o crime, onde, segundo ele:

A chances de morrer, vítima de homicídio quando se é um homem jovem habitante da periferia, chega a ser de até trezentas vezes mais do que para uma senhora de meia idade que habita bairros de classe média. No entanto todos os esforços de nosso sistema de justiça e de organizações às voltas com a segurança pública parece ser a de proteger justamente aqueles que estão menos expostos a violência.

É importante enfatizar nesse contexto que Arapiraca hoje é composta por um novo cenário paisagístico, novos lugares em que a violência e o medo transformam o espaço urbano em paisagens do medo, fazendo com que as pessoas convivam com uma nova estética, estética essa que está vinculada aos condomínios e aos muros altos, ou seja, uma nova arquitetura na cidade, que funciona como um símbolo de status social, diferenciando a elite das demais classes sociais.

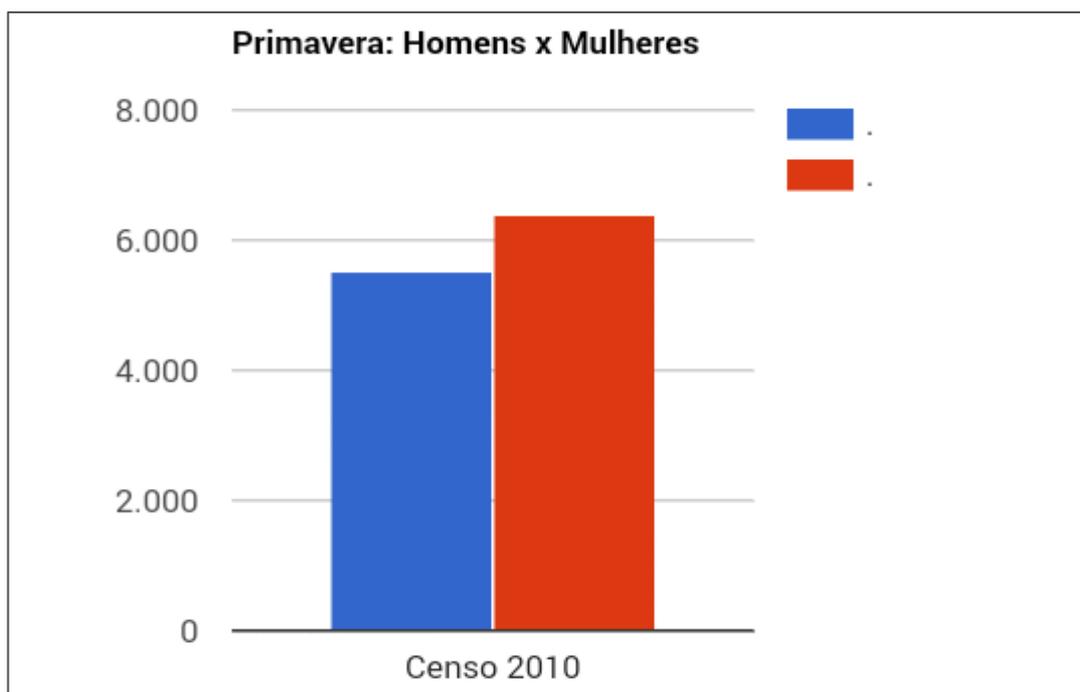
Chagas (2014, p. 18), relata que essa questão da violência/medo se diferencia conforme a classe social de cada indivíduo, ou seja:

O aumento demasiado da violência no últimos tempos, possibilitou o surgimento da ideia de que nos espaços pobres e periféricos a violência aparece de forma mais intensa, quando comparada aos espaços elitizados, porém o que acontece é que a violência se apresenta em determinados lugares de acordo com a espacialidade e as peculiaridades dos mesmo, o que depende da relação do homem e da territorialidade nos espaços.

É evidente que o medo e a insegurança parecem se multiplicar em maior proporção do que a própria violência, o perigo não está somente no aumento da violência como também no crescimento do preconceito perante as classes sociais e a cor da pele, o que contribui para a segregação de muitas pessoas da cidade.

Todos esses fatores que foram elencados acima fazem parte da realidade do bairro Primavera, Arapiraca- AL, o medo e a violência vem transformando o aspecto paisagístico e a maneira em que a população utiliza o espaço urbano, fazendo da paisagem a sua própria imagem, através de equipamentos de segurança, e produzindo um novo espaço de acontecimentos.

A área onde está localizado o bairro Primavera configura-se como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de atividades econômicas por apresentar uma geografia vantajosa. O referido bairro é um bairro populoso, logo, os moradores trazem consigo uma relação de identidade com o lugar, suas histórias construídas a partir da urbanização da cidade, que de certa forma fizeram com que as pessoas escolhessem esse bairro para residir.

Gráfico 2: Faixa etária da População do Bairro Primavera.

Fonte: IBGE, 2010.

Atualmente, o bairro Primavera tem se mostrado como um verdadeiro campo de lutas, onde vários grupos SOCIAIS tentam exercer uma maior força sobre o outro, uma certa hegemonia. São facções tendo rivalidades com outros grupos, rixas, vinganças, tráfico de drogas, prostituição e o acesso frequente de pessoas com uso de armas de fogo. São espaços em que a vida perde o valor e a morte vira uma realidade do cotidiano, fazendo com que os crimes se tornem fatos frequentes nas conversas diárias entre as pessoas. Sobre esses acontecimentos, Chauí (1985, p. 3), comenta que:

A violência é hoje uma das grandes preocupações em nível mundial, afetando grupos ou famílias e ainda o indivíduo de forma isolada. Fazendo parte da chamada questão social, ela revela formas de denominação e opressão desencadeadora de conflitos. Como um fenômeno complexo, polissêmico e controverso, a violência é perpetrada por indivíduos contra outros indivíduos, manifestando-se de várias maneiras, assumindo formas de relações pessoais, sociais, políticas ou culturais.

Ao analisarmos a violência em Arapiraca, devemos registrar a expansão do tráfico de drogas em áreas periféricas da cidade, especialmente no bairro Primavera, em que as drogas se expandem como se fosse uma espécie de mercadoria que vai circulando de um bairro para o outro. É a partir daí que começa a disputa por território, criando lugares do medo e da violência, transformando esses lugares em pontos por disputa da droga, que acaba gerando conflitos entre

os próprios traficantes, além disso, incentivam os jovens a serem consumidores das drogas, levando-os a praticarem crimes de maior gravidade por diversos lugares da cidade.

Dessa forma, fica evidente que os traficantes começam a formar seu mercado consumidor de uso e venda da droga para expandir o seu território em que o jovem viciado pelo seu uso é induzido pelos traficantes a roubar, e até mesmo matarem para permanecerem com o vício ou para pagarem dívidas com os próprios traficantes.

Nesse sentido, podemos observar a paisagem do medo modificando a paisagem e a vida cotidiana das pessoas que residem no bairro Primavera. Assim, no referido bairro encontra-se um espaço intitulado como a famosa linha do trem (figura 6), onde há uma concentração de pessoas em que no horário da noite utilizam o espaço para uso, compra e venda de drogas, logo, fica notório como o tráfico de droga condiciona a violência, acabando com a vida das pessoas, principalmente as dos jovens por não terem a oportunidade de trabalhar e até mesmo de estudar.

Figura 6: Local em que durante à noite há pessoas usando drogas, localizado no Bairro Primavera.



Fonte: SANTANA, Gutemberg Santos. Pesquisa de campo. Data: 20/05/2018.

Para Souza (2000), existe uma organização entre tráfico de drogas, criminalidade e arma de fogo que levam vários grupos entrarem em conflitos por uma soberania sobre outros espaços,

Embora o tráfico de drogas e a criminalidade urbana violenta não sejam sinônimos – pois nem o tráfico precisa sempre utilizar-se de todas as instâncias da violência, nem a criminalidade, naturalmente, se reduz aos crimes vinculados ao tráfico, é indiscutível que a dinâmica da violência urbana passou, nas últimas décadas, a estar fortemente marcada pelo efeito direitos (guerras entre quadrilhas e a polícia “balas

perdidas”) pelos indiretos (empréstimos de armamentos de traficantes comuns, delitos praticados por viciados e etc.) (SOUZA, 2000, p. 53).

O tráfico de drogas e a violência vem desempenhando um papel predominante na segregação da cidade de Arapiraca, violência está que tira o sono das pessoas, que atormenta, que muda o aspecto paisagístico da cidade e que serve como mercadoria para a mídia e as empresas de segurança. Caldeira (2000) em seu livro “Cidades de muros: crime segregação e cidadania em São Paulo” faz o seguinte comentário:

A violência e o medo combinam-se a processo de mudança social nas cidades nas cidades contemporâneas, gerando novas formas de discriminação espacial e discriminação social. Nas duas últimas décadas, em cidades, em cidades tão diversas como São Paulo, Los Angeles, Johannesburgo, Buenos Aires, Budapest, cidade do México e Miami (CALDEIRA, 2000, p. 9).

Sendo assim, a população da Primavera tornou-se oprimida ao medo, medo esse que acaba moldando o cotidiano das pessoas, seja no caminho para o trabalho ou no retorno para as suas residências. Isso é percebido frequentemente pelo caminhar das pessoas, elas andam em passos rápidos e largos, ou seja, o medo está estampado em seus rostos, é como se os passos rápidos se tornaram a única forma de se chegar vivo e seguro em suas casas.

Dessa forma, podemos afirmar que nos dias de hoje a sociedade contemporânea passa por um processo de insegurança, ocasionada por vários fatores provocados pelo aumento dos crimes e violência em relação a pessoa e ao próprio patrimônio público. Sendo assim, pode-se afirmar esse ano de 2017/2018 violento no bairro Primavera, relacionado principalmente por roubos, assaltos e homicídios.

O Bairro Primavera é o terceiro maior bairro, e um dos mais populosos de Arapiraca tendo um quantitativo populacional de 11.939 habitantes (Censo 2010). O fator população não é o principal determinante para as mudanças de hábito no cotidiano das pessoas, nem o responsável pelo crescimento da violência. O que leva o fenômeno medo e a violência no referido bairro são fatores como a ausência de políticas públicas, falta de trabalho para os seus moradores, educação, saneamento, ruas sem pavimentação adequada, segurança pública e entre outros.

Daí por diante, o aspecto paisagístico do bairro vai se moldando ao longo dos anos, começam a construir novas estradas, a infraestrutura vai se instalando, os meios de transporte começam a circular por várias ruas no bairro fazendo uma conexão com os outros lugares na cidade, a construção de praças e igrejas que se tornaram um patrimônio histórico da cidade, enfim, todos esses fatores acabaram atraindo uma população distante do centro da cidade.

À vista disso, observa-se grandes mudanças no bairro, um espaço que antes era vivenciado pela população, tranquilo, que ao passar dos anos foi perdendo o seu encantamento, apresentando-se atualmente um novo cenário paisagístico em que a sociedade o define como um bairro perigoso.

Noutras palavras, o bairro em questão tem sido cenário de vários acontecimentos que deixam a população amedrontada ao frequentarem esse lugar. Logo, é provável entender que um bairro em que existe uma pequena estrutura econômica acaba proporcionando que os locais mais afastados do centro da cidade se tornem espaços favoráveis a violência e ao crime.

Nesse sentido, observa-se uma modificação na paisagem do referido bairro, hoje encontra-se um número relevante de residenciais fechados, condomínios de luxos, vilas, casas com cerca elétrica, cadeados, portões de ferro, juntos, esses lugares configuram a arquitetura do medo, Feiguin (1995) relata essa nova configuração da paisagem do medo que assombra a população residente no Bairro Primavera, onde segundo ele:

[...] muros altos, cercas ao redor das casas, proliferação de sofisticados sistemas de segurança e alarme, crescimento visível das empresas privadas de vigilância, aumento do número de portes e registros de armas concedidos à população, fuga de zonas e regiões onde o risco de se *164* transitar sozinho de dia e, principalmente, a noite é bastante elevado, além de vários outros mecanismos de autoproteção (FEIGUIN, 1995, p. 73).

Assim, compreendemos que um espaço onde existe uma pequena estrutura, seja ela familiar, econômica, financeira e inclusive do Estado, viabiliza que os locais mais afastados do centro da cidade como é o caso do bairro Primavera que se tornou um lugar favorável a criminalidade e a violência.

É nesse sentido que vemos vários crimes se especializando nesse bairro, dando ênfase primeiramente aos roubos. É impressionante a quantidade de pessoas que a polícia prende por ocasião de roubo no bairro Primavera, essas ações de roubos são ações que podem induzir o indivíduo a praticar outros crimes como, homicídio, tráfico de drogas, furto e entre outros. Sobre este assunto, Beato, (2015, p.78), destaca que:

Isto pode estar acontecendo devido aos fatores “exposição”, “menor capacidade de proteção” e “proximidade entre vítima e agressor”. Indivíduos mais jovens em sua maioria são solteiros, frequentam mais lugares públicos sem se preocupar muito com sua própria proteção. A proporção de agredidos na amostra vai diminuindo à medida que consideramos as faixas etárias mais elevadas, o que pode estar indicando a relação desse tipo de crime com o fator exposição.

Esses acontecimentos acabam gerando medo nas pessoas, essa insegurança acaba se materializando entre os moradores, como residências fechadas, pouco diálogo com os vizinhos, lugares difíceis de se locomover resultado de práticas da violência, tudo isso gera medo e modifica a paisagem urbana dos bairros, como bem coloca Souza (2008, p. 41) explicando que

A criminalidade e o sentimento de medo e insegurança associados ao seu aumento irão gerar impactos socioespaciais negativos importantes, aos quais servirão de obstáculos para o enfrentamento de vários fatores de injustiça social e má qualidade de vida entre os próprios pobres.

Ou seja, entre os fatores que são considerados resultado da paisagem medo e da insegurança está o individualismo que permeia o indivíduo, dificultando estabelecer a sociabilidade uns com os outros.

Segundo Silva, (2011, p. 102)

A sensação que alguns moradores nos passam é o sentimento de medo da cidade, e principalmente do bairro, e que estão passivos diante da violência, vivendo atrás dos muros ou das grades, sem questionar o porquê de tanta violência, o porquê de ausências públicas no bairro, apenas afastando-se de tudo e de todos, num processo individualista, típico do sistema capitalista.

Desse modo, a violência e o medo acaba dificultando e impedindo a população de transitar em suas ruas com tranquilidade, tirando o direito ir e vir em determinadas ruas do bairro, fazendo com que os moradores mudem as suas práticas cotidianas, mudando até a rota dos ônibus que não passam por esses lugares que são considerados violentos, uma espécie de prisão, que estabiliza a sociabilidade de comunicação e de relação social com o vizinho. A busca por segurança cresce a cada instante, a busca por equipamentos de segurança comprova o aumento da exclusão social, segregação urbana e violência.

Noutras palavras, a segurança baseia-se essencialmente num estado de bem-estar social, e que lhe proporcione um desenvolvimento em todas áreas, como: na escola, no trabalho, nas praças e outras atividades do dia a dia. Segundo Forti e Freitas (2008, p. 4), “Entende-se por segurança o estado de quem se sente seguro, com certeza, confiante, com garantia, amparo, dentre outros, é sentir-se confortável em seu espaço geográfico”.

As pessoas que residem no referido bairro, relatam que há lugares perigosos, mas também existem lugares tranquilos, essas pessoas trazem suas histórias e a sua relação de intimidade e carinho com o bairro, mesmo com uma violência constante, muitos afirmam que

não pretendem sair do bairro, pois há uma relação de identidade e de vivência que não pode ser esquecida.

Diante do exposto, percebe-se que o bairro Primavera acabou se transformando em um lugar onde o medo se sobressai, logo, os moradores mudam a arquitetura de suas casas e de seus centros comerciais, passando a construir muros, grades com cadeados nas fachadas e a contratar a vigilância noturna, onde vigiam suas residências e suas instalações comerciais durante à noite. Segundo Bauman (2008, p. 9):

O "medo derivado" é uma estrutura mental estável que pode ser mais bem descrita como o sentimento de ser *suscetível* ao perigo; uma sensação de insegurança (o mundo está cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso) e vulnerabilidade (no caso de o perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou de se defender com sucesso; o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais).

Sendo assim, como já foi mencionado anteriormente, o bairro Primavera foi se transformando ao longo do tempo em um lugar de medo, medo esse que fez com que os a população mudasse a arquitetura de suas residências e lojas comerciais, passando a construir grades com cadeados em suas fachadas e a contratarem vigilância particular permanente para vigiarem suas casas e seus estabelecimentos de comércio.

Logo, o sentimento que os moradores do bairro nos passam é um sentimento de fobia entre a cidade, e principalmente do bairro, e que estão sujeitos a violência, sobrevivendo atrás de muros e grades, sem ao menos contestar o motivo de tanta violência, o porquê da falta de políticas públicas no bairro, apenas distanciando-se de tudo e de todos, num processo de individualismo, característico do sistema capitalista.

Nesse sentido, dentre os motivos que podem ser considerados consequências dessa sensação de medo que assombra os moradores do bairro primavera, está o individualismo que permeia os moradores e os impedem de estabelecer a sociabilidade.

Figura 7: Insegurança (Lojas e casas gradeadas)



Fonte: SANTANA, Gutemberg Santos. Pesquisa de campo. Data: 10/04/2018.

Sendo assim, vemos que parte da população tem em sua mente o pensamento de que a violência deve ser combatida com responsabilidade da polícia, mas vemos que essa não é a solução, a violência não é um assunto a ser resolvido apenas pela polícia, pois, muitos bandidos atuam por conta da pressão que sofrem da própria polícia, entretanto, essa questão de resolver o problema da violência em Arapiraca é uma problemática que deve ser estudada desde a sua gênese até os dias atuais.

Por conseguinte, observamos o quanto é assustador o fato de a sociedade pós-moderna ver com simples naturalidade o caminho para o qual vem se conduzindo o convívio social, optando por um novo padrão de vida em residenciais fechados, como é o caso dos condomínios fechados, tema que será apresentado logo a seguir.

4.2 Condomínios: ilusão de (in)segurança?

Para melhor inviabilizar o pensamento, o medo da violência vem modificando as paisagens das cidades e as formas de como a sociedade utiliza o espaço urbano, moldando a paisagem através de cercas, muros altos e tecnologias de segurança.

Atualmente, como consequência da cultura do medo, muitas pessoas estão passando a viver nos chamados condomínios onde, protegidas por cercas e seguranças, se sentem em um ambiente seguro. Atraídas pelas mensagens publicitárias, que “acenam com a promessa de viver

plenamente”, muitos indivíduos adquirem lotes nesses condomínios e constroem suas casas, ou, compram apartamentos e passam a viver nesse novo lugar, com o sentimento de segurança (BAUMAN, 2009).

Entretanto, a partir do momento em que passam a viver em condomínios, as pessoas acabam se isolando da sociedade, pois “uma das características mais relevantes dos condomínios é seu isolamento e sua distância da cidade. [...] Isolamento quer dizer separação de todos os que são considerados inferiores” (BAUMAN, 2009, p. 39).

Nesse aspecto, Bauman (2009, p. 39-40) comenta que:

A partir desse isolamento, os habitantes dos condomínios mantêm-se fora da desconcertante, perturbadora e vagamente ameaçadora – por ser turbulenta e confusa – vida urbana, para se colocarem dentro de um oásis de tranquilidade e segurança. Contudo, justamente por isso, mantêm todos os demais fora dos lugares decentes e seguros, e estão absolutamente decididos a conservar e defender com unhas e dentes esse padrão; tratam de manter os outros nas mesmas ruas desoladas que pretendem deixar os do lado de fora, sem ligar para o preço que isso tem. A cerca separa o gueto voluntário dos arrogantes dos muitos condenados a nada ter.

A partir desse isolamento, os “arrogantes” que vivem nos condomínios buscam, além de uma maior segurança e conforto, se separar do restante da sociedade, vista como inferior. O isolamento e o individualismo acabam gerando a chamada mixofobia, ou seja, o medo em interagir e se relacionar com as pessoas. Nessa perspectiva, Caldeira (2000, p. 93) destaca que:

Enquanto os antigos apartamentos integravam a rede urbana, os condomínios recentes tendem a ignorá-la. Segundo, os condomínios fechados são por definição murados, enquanto os edifícios dos anos 70 costumavam ser abertos para as ruas. Embora a maioria destes tenha sido cercada recentemente, o isolamento não era parte de sua concepção inicial, mas sim uma adaptação ao novo paradigma. Terceiro, o novo tipo de condomínio fechado costuma ter grandes (algumas vezes muito grandes) áreas e equipamentos de uso coletivo, enquanto na geração anterior os espaços comuns limitavam-se geralmente a garagens, áreas de circulação, pequenos *playgrounds* e talvez um salão de festas.

Diante da citação mencionada, as pessoas que vivem nesses condomínios pensam que estão totalmente protegidas, sendo que ao mesmo tempo em que essa nova arquitetura traz a proteção, gera também a dúvida, uma ilusão. Não quer dizer que no momento em que construímos um muro ao redor das outras casas estamos totalmente distante de tudo e de todos, e principalmente do mundo lá fora, essa é uma segurança imaginária onde as pessoas acabam pagando pela tão sonhada liberdade, esquecendo elas que independentemente de ricos ou pobres, todos sofremos com o problema da violência.

Nas cidades contemporâneas, esses fatores vão mais adiante no que se refere a proteção, ele enfatiza a estética e questão social, onde o condomínio mais moderno, mais bonito e com mais equipamentos e tecnologias de segurança é o mais valorizado no mercado, de tal maneira que acaba sendo o mais divulgado e supervalorizado, pois muitos nem se dão conta dos problemas sociais que os circulam. Caldeira (2000, p. 275) faz uma importante reflexão sobre os condomínios fechados:

[...] O ideal do condomínio fechado é a criação de uma ordem privada na qual os moradores possam evitar muitos dos problemas da cidade e desfrutar um estilo de vida alternativo com pessoas do mesmo grupo social. O anúncio de um empreendimento de luxo no Morumbi torna essa concepção inconfundivelmente clara. Chamado de Place des Vosges, ele é uma réplica da famosa praça parisiense. Seus apartamentos maiores têm quatro dormitórios e 268m² (além de quatro garagens e áreas externas para uma área total de 539m² por unidade) e custavam US\$ 476 mil.

Partindo desse pressuposto, percebemos que devido à falta de políticas públicas e do poder público com a cidade, a segurança acabou se transformando em um obra do capitalismo, atendendo a necessidades do mercado, sendo que aquelas pessoas que tiverem uma boa condição financeira, as chamadas elites, podem comprar e se utilizar de todo conforto e luxo que os condomínios dispõem, enquanto que a classe baixa se torna desprivilegiada, como bem explica Caldeira (2000, p. 275),

[...] Aqui tudo é gostoso, todos são amigos. (...) Segurança: você vai morar num condomínio fechado, completamente cercado por muros e guarita centralizada. (...) Lazer(...) Conforto: aqui você vai estar perto de tudo: (...) padaria, supermercado, farmácia, pontos de ônibus. (...) O melhor de Sapopemba está aqui. (*O Estado de S. Paulo*, 24 de janeiro de 1988).

A partir do que foi mencionado anteriormente, percebe-se o quanto vem crescendo o número de residências com muros altos no Brasil e em diversos países do mundo, com residências luxuosas, com área de lazer, boa localização e entre outros. Já em outros espaços, vemos o aumento de residenciais somente com a função de moradia, que exerce uma segurança maior do que os outros espaços, como os condomínios de luxo, onde juntos esses espaços configuram as paisagens do medo, como explica Feiguin (1995):

[...] Muros altos, cerca ao redor das casas, proliferação de sofisticados sistemas de segurança e alarme, crescimento visível das empresas privadas de vigilância, aumento do número de portes e registros de armas concedidos a população, fuga de zonas e regiões onde o risco de se transitar sozinho de dia e, principalmente, a noite é bastante elevado, além de vários outros mecanismos de autoproteção. (FEIGUIN, 1995, p. 73).

Dessa forma, em Arapiraca, confirma-se esses acontecimentos semelhantes ao de grandes cidades do Brasil, tendo índices altíssimos de violência. Cresce cada vez a quantidade de empresas que trabalham com equipamentos de segurança e números de residenciais fechados que vão mudando a forma de viver das pessoas, Morais (1990, p. 12) explica bem sobre essa mudança no panorama de viver dos indivíduos, ao afirmar que “as casas não mais expõem suas fachadas românticas, pois cercam-nas muros altos [...]”.

O desenho da cidade de Arapiraca é representado por uma desigualdade social e uma crescente violência urbana condicionada a uma nova fragmentação, formada pela criação dos condomínios, onde muito moradores optam pela escolha desses lugares por lhe trazerem uma certa tranquilidade, tranquilidade essa que só a classe nobre pode usufruir.

Essa impressão de segurança comercializada pelos condomínio, acabam passando para a população da referida cidade uma percepção de que estão seguros e salvos de toda criminalidade violenta da cidade, sendo que esses moradores em certos momentos acabam se sentindo mais seguros quando não estão sendo vigiados 24 horas por dia pelas câmeras, ou seja, é uma segurança contraditória, pois esses arrogantes se sentem seguros dentro desses condomínios e ao mesmo tempo inseguros por se sentirem afastados do restante da população.

Dessa forma, na cidade em questão encontra-se situado o condomínio Recanto Primavera (Figura 8). Esse condomínio está localizado em uma área bastante nobre e afastada do centro da cidade, evidenciando assim, o desejo de isolamento.

Figura 8: Vista da entrada do condomínio Recanto da Primavera, localizado no bairro Primavera. Data:16/02/2017.



Fonte: SANTANA, Gutemberg Santos. Pesquisa de campo. Data: 16/05/2018.

Diante da imagem mencionada, vemos que o condomínio provoca um fechamento do espaço urbano, as casas todas cercadas por equipamentos de segurança, fazendo com que os moradores percam o direito de ir e vir. Nesse viés, Caldeira (2000, p. 291) evidencia que:

[...] Residentes da classe alta em condomínios fechados e edifícios associam viver dentro de uma dessas fortalezas às sensações de liberdade e proteção, sem falar da alta qualidade de vida. Pessoas que moram em casas independentes expressam o mesmo em relação a suas fortalezas individuais, embora não possam imaginar que os condomínios ofereçam o mesmo.

Sendo assim, fica claro que os condomínios fechados são cercados por muros, com uma única entrada, controlados por mecanismos denominado guarita. Assim nos alerta Caldeira (2003): “Os novos sistemas de segurança não só oferecem proteção contra o crime, mas também, criam espaços segregados nos quais as exclusões são cuidadosamente e rigorosamente praticadas” (CALDEIRA, 2003, p. 267).

Fica evidente que as pessoas se mudam para esses locais fechados pensando que ali terão uma maior liberdade e autonomia, achando-se eles que quem está atrás dos grandes condomínios são os cidadãos de bem, não sabendo que eles que estão totalmente equivocados, a segurança nesses locais são cercadas por muros, câmeras, guaritas, seguranças e vidros blindados que de certa forma acaba produzindo uma nova estética, um novo padrão de vida, que podemos denominar essa nova arquitetura como paisagens do medo.

No entanto, essa mudança paisagística vai além da necessidade de proteção, compreende também outros aspectos como status social e estética. A luxuosidade das casas e condomínios valorizam o imóvel, expressando o poder de compra daqueles que ali residem.

Com isso, a paisagem urbana se transforma e junto dela os hábitos dos arrogantes que se isolam nesses espaços. Estamos vivendo um sistema de retrocesso onde ao invés de acabarmos com esses condomínios que nos afastam dos ideais de liberdade, os erguemos indo de encontro aos nossos próprios ideias.

Figura 9: Condomínio Ouro Verde. Localizado no Bairro Senador Arnon de Melo. Data: 19/05/2018.



Fonte: SANTANA, Gutemberg Santos. Pesquisa de campo. Data: 16/05/2018.

Como bem menciona a imagem, podemos observar outro condomínio fechado em Arapiraca, denominado Ouro Verde. Se olharmos com atenção, vemos que o condomínio de luxo possui vidros reforçados e cobertos por uma câmera e, também uma espécie de vidro blindado que dificulta a visualização de fora para dentro. Além disso, possui um central que controla os sistemas de alarmes e vídeo-monitoramento do condomínio. Dentro dessa torre, um vigilante armado observa tudo que aconteceu no condomínio e mantém comunicação constante, por meio de interfone e rádio, ou seja, mediante qualquer situação de perigo o serviço interno é altamente acionado. Então, fica evidente que nesses condomínios luxuosos e modernos, esses equipamentos são instalados em lugares estratégicos e controlados pelas centrais de segurança que geralmente nas torres ou portarias do condomínio.

Em suma, percebemos que esses condomínios não estão ao alcance de todos, pois o mercado vem lucrando a cada dia com a venda desses equipamentos de segurança, pois quanto mais a cidade estiver sem segurança e completamente insegura, melhor serão as vendas e lucros para as grandes empresas.

4.3 O espaço “escabroso” na paisagem do bairro “Cacimbas”

A concepção de medo permeia vários aspectos na sociedade, sendo esses ocasionados pelas relações de insegurança, que acabam tornando a sociedade amedrontada. Logo essas diferentes percepções de medo e violência urbana nas cidades colaboram para a formação de uma geografia do medo.

Para que possamos compreender o novo modelo da cidade de Arapiraca que está atrelado ao sentimento de medo e criminalidade violenta, Bauman (2009) traz para o centro do debate importantes conceitos e discussões. O primeiro desses debates, e talvez o mais importante, seja o já seu e clássico debate sobre o espaço escabroso e o espaço nervoso.

O espaço escabroso é um espaço que não pode ser confortavelmente ocupado, está presente na paisagem urbana de Arapiraca, especialmente, num espaço chamado Bairro Cacimbas (Figura 10).

Figura 10: Área localizada no Bairro Cacimbas,



Fonte: SANTANA, Gutemberg Santos. Pesquisa de campo. Data: 18/05/2018.

O bairro Cacimbas localiza-se um pouco distante do centro da cidade com uma população diversificada entre pobres e ricos, onde caracteriza-se alguns espaços como propícios para reuniões de bandidos que praticam o uso de drogas, roubos e assaltos. Nesse sentido, A partir dos fatos mencionado acima descritos, vemos que o bairro Cacimbas se apresenta como um espaço escabrosos, pois as ruas, principalmente à noite, são espaços que não podem ser confortavelmente ocupados em virtude do tráfico de drogas, má iluminação, medo de assaltos e outros fatores.

4.4 O espaço “nervoso” na paisagem do Bairro “Ouro Preto”

O espaço nervoso é outro espaço da paisagem do medo que também está presente na paisagem urbana da cidade de Arapiraca. Como mencionado anteriormente no primeiro

capítulo, o espaço nervoso é aquele que “não se pode usar sem ser observado, por causa da vigilância ativa de grupos armados de patrulhamento e de tecnologias de televigilância conectadas a estações de controle” (BAUMAN, 2009, p. 43).

O espaço nervoso se caracteriza, principalmente, pela presença de câmeras de segurança, instaladas para observarem dia e noite o fluxo de pessoas que transitam nas intermediações onde essas câmeras se encontram instaladas. Dessa forma, na figura 6 uma residência, localizada na cidade Arapiraca, equipada por alguns equipamentos de segurança, entre eles, câmeras de segurança e cerca elétrica.

Figura 11: Residência localizada na cidade de Arapiraca, especialmente no bairro Ouro Preto, equipada com câmera de segurança, vidros, portões de ferro e cerca elétrica.



Fonte: SANTANA, Gutemberg Santos. Pesquisa de campo, Maio. 2018.

As técnicas de segurança mencionadas permitem aos proprietários das residências observarem o fluxo de pessoas e automóveis que transitam em frente a sua residência, caracterizando assim um espaço nervoso, que não pode ser utilizado sem estar sendo observado.

Dessa forma, percebemos que a rotina da população da cidade de Arapiraca tem como paisagem muros, cercas elétricas e tecnologias de segurança. Esse novo sistema de auto segregação desafia o ideal de acessibilidade e de circulação das cidades pós-modernas e está modificando os lugares e o cotidiano das pessoas, como bem explica Caldeira (2000):

Essas mudanças espaciais e seus instrumentos estão transformando a vida pública e o espaço público. Em cidades fragmentadas por enclaves fortificados é difícil manter os

princípios de acessibilidade e livre circulação, que estão entre os valores mais importantes das cidades modernas (CALDEIRA, 2000, p. 11).

Á medida em que as pessoas deixam de vivenciar o espaço público para se isolarem nesses espaços fortificados por muros altos, cercas elétricas e equipamentos de segurança, faz com que o uso do espaço público diminua e acaba destruindo as características básicas das cidades modernas.

4.5 Espaços da arquitetura do medo

A mudança na arquitetura das casas da cidade de Arapiraca, ocorrida ao longo dos anos, transformam as casas como uma forma de prisão, passando a construir grades com cadeados, contratando vigilância particular diariamente e, principalmente mudando a paisagem de suas residências com muros altos. Nesse sentido, Bauman (2007) faz uma reflexão sobre a arquitetura do medo, onde segundo ele:

Paradoxalmente, as cidades originalmente foram construídas para oferecer proteção aos seus habitantes, onde as muralhas ou cercas das antigas aldeias da mesopotâmia, das cidades medievais e dos assentamentos americanos deixavam do outro lado os inimigos e perigos. Contudo, a cidade deixou de ser um território relativamente seguro para se tornar mais vinculado ao perigo do que à proteção (BAUMAN, 2007, p. 78).

O bairro São Luiz I se destaca como um espaço bastante nobre da cidade de Arapiraca. Nessa definição, Bauman (2009) menciona que:

Os espaços modernos planejados pelos arquitetos e administradores públicos modernos, que privilegiaram o acesso e o convívio público, são reconstruídos em prol da uniformização das casas dos residenciais vigiados pelas câmeras de segurança, atravessadas por muros e cercas eletrificadas.

Noutras palavras, é perceptível na paisagem urbana do bairro São Luiz I a presença de casas equipadas com cercas elétricas e câmeras de segurança, (figura 12).

Figura 12: Residência localizada no bairro São Luiz I, cidade de Arapiraca, equipada com cerca elétrica e câmera de televisão.



Fonte: SANTANA, Gutemberg Santos. Pesquisa de campo, Maio. 2018.

Esse novo padrão de vida nas cidades modernas tem como paisagens muros, cerca elétrica, sistema de vigilância e tecnologias de segurança. Essa segregação proporciona a exclusão e a circulação de pessoas em diversos espaços, transformando a vida cotidiana dos moradores, como aponta Caldeira (2000):

Essas mudanças espaciais e seus instrumentos estão transformando a vida pública e o espaço. Em cidades fragmentadas por enclaves fortificados é difícil manter o princípios de acessibilidade e livre circulação, que estão entre os valores mais importantes das cidades modernas (BAUMAN, 2000, p. 211).

Logo, fica evidente que todas essas práticas materializa-se no espaço urbano e arquitetam práticas cotidianas e paisagens causadoras de desconfiança.

Nesse sentido, fica visível na paisagem urbana do referido bairro a presença de várias residências cercadas por muros e equipadas com cercas elétricas, conforme a figura 13 e 14.

Figura 13: Residência localizada na cidade de Arapiraca, no bairro São Luiz I, cercada por uma alta muralha.



Fonte: SANTANA, Gutemberg Santos. Pesquisa de campo, Maio de 2018.

O muro divide quem está dentro do condomínio de quem está fora, entretanto, quem está realmente fora? a classe menos privilegiada que são afastados pelos condomínios e equipamentos de proteção, sendo que está proteção é ilusão, estar dentro de um condomínio ou estar fora dele não define se o local é perigoso ou não, isso depende da relação social que cada um está vivenciando, ou seja, não tem nada a ver com classe social, como bem explica Caldeira (2000, p. 267), “Os novos sistemas de segurança não só oferecem proteção contra o crime, mas também, criam espaços segregados nos quais a exclusões são cuidadosamente e rigorosamente praticadas”.

Nesse sentido, Lira (2000), aponta que ao se isolarem os indivíduos mantém a violência urbana, tendo em vista, que está é baseada na desigualdade social e econômica presentes na cidade, ou seja, uma busca pela segurança individual, com bem destaca Lira (2009, p. 123) onde ele afirma que:

Nesse sentido, constata-se que, nas últimas décadas, o medo social vem influenciando a consolidação de um novo padrão de desenho arquitetônico da cidade. Espaços privados incorporam uma série de elementos em suas formas, a saber, muros altos, grades, guaritas, cercas elétricas, torres, alarmes, circuito de vídeo-monitoramento, entre outros. Isso torna-se explicitamente perceptível em bairros ocupados por camadas sociais mais privilegiadas e, principalmente, em espaços residenciais. Não que outros espaços, como ambientes comerciais, estejam isentos das representações

da arquitetura do medo, mas são as casas e condomínios que adotam com vigor os elementos da arquitetura do medo.

Outro elemento que permite a associação do desenho arquitetônico dos espaços residenciais com paisagem do medo são os muros com arames farpados localizado no Bairro Ouro Preto. Essa incorporação desses elementos de autoproteção faz parte da essência dos espaços residenciais das cidades contemporâneas. Assim, a arquitetura do medo remonta formas parecidas de uma prisão, sua propagação pela cidade de Arapiraca resulta da interação de desigualdades sociais, processos segregatórios e a ampliação da cultura do medo referente à criminalidade violenta.

Figura 14: Combinação de muro alto e rolos de arame farpado em residência do Bairro Ouro Preto.



Fonte: SANTANA, Gutemberg Santos. Pesquisa de campo, Maio de 2018.

Além dos muros altos que compõem essa nova paisagem do medo, podemos destacar na cidade Arapiraca que até os templos religiosos hoje estão cercados por esse novo aspecto paisagístico, onde eles instalam cercas elétricas e sensores de segurança para se sentirem seguros e com mais liberdade nos momentos dos cultos.

Noutras palavras, fica evidente que esta insegurança presente na cidade é fenômeno que traz diversas consequências ao espaço público e ao patrimônio público, como o centro religiosos que foi relato anteriormente, provocando medo e insegurança a população a transitarem em determinados horários, causando a desvalorização do espaço urbano.

Figura 15: Templo religioso cercado com grades e cerca elétrica em volta do muro. Localizado na rua São Francisco - Bairro Ouro Preto.



Fonte: SANTANA, Gutemberg Santos. Pesquisa de campo, fevereiro de 2018.

Sendo assim, nos dias de hoje, a cidade de Arapiraca caracteriza em sua paisagem uma divisão de status social, onde de um lado vemos uma cidade de mercadorias para os turistas de consumo da classe alta que possui uma relação de status social diversificada com suas casas cercadas por muralhas, um processo de individualismo do sistema capitalista, e do outro lado a cidade dos excluídos ou daqueles que não tem direito de ir e vir em determinados espaços da cidade.

O sentimento que alguns moradores nos passam é uma sensação de medo da cidade, principalmente dos bairros, e que estão sujeitos a qualquer tipo de violência, vivendo atrás de muros e equipamentos de segurança, sem ao menos perguntar o motivo de tanta violência, apenas se isolando de tudo e de todos, num sistema individualista, característico do sistema capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de medo permeia vários aspectos na sociedade, sendo esses ocasionados pelas relações de insegurança, que acabam tornando a sociedade amedrontada. Logo essas diferentes percepções de medo e violência urbana nas cidades colaboram para a formação de uma Geografia do medo.

Com o crescimento das cidades, problemas estruturais, de natureza social, econômica e política, começaram a aparecer com maior progressão e foi o que aconteceu em Arapiraca. Após a expansão da feira livre e do ciclo fumageiro, a cidade começa a sofrer os causas de processos segregativos, já que a cidade não estava preparada para suportar um grande contingente populacional. Logo, aumentaram os números de espaços irregulares e o índice de violência, ocasionando lugares como bairros perigosos e de difícil circulação, fazendo com que a sociedade perca a acessibilidade e o direito de ir e vir em determinados lugares.

Dessa forma, o sentimento de medo gera atitudes de isolamento, afastando-se de tudo e de todos. Isso é o que acontece com a população arapiraquense; a tendência ao isolamento é revelada pelas grades nas casas, no comércio da cidade, nos condomínios, na casas com muros altos, na utilização de equipamentos e tecnologias de segurança mudaram o aspecto paisagístico cidade de Arapiraca, transformando-a em uma espécie de “fobópole”, ou seja, uma cidade do medo.

Nesse sentido, as questões elencadas em todo o trabalho tornam-se importante para se pensar o problema da violência urbana na cidade Arapiraca. Apontando que a criminalidade violenta concentra-se especialmente nos lugares habitados pela população de baixa renda, são os jovens moradores dos espaços segregados as principais vítimas de homicídio da cidade de Arapiraca.

Deste modo, o estudo acerca das paisagens do medo em Arapiraca é de grande importância para nossa formação acadêmica, pois os autores estudados nessa pesquisa serviram como subsídio ao nos aproximar da realidade vigente na cidade, oportunizando o exercício do aliar teoria com a prática investigativa e o aprimoramento das sensibilidades e das visões críticas sobre a realidade empírica atual

Diante dessas mudanças procuramos demonstrar que a insegurança produzida pelo medo no espaço urbano é causada através da relação que as pessoas estabelecem com o espaço, manifestando-se através de técnicas como os muros altos, cercas elétricas, câmeras de segurança no espaço, entre outros.

Desse modo, esta pesquisa contribui de forma significativa para o envolvimento de toda a comunidade ao conceber a esta uma maneira de tomar conhecimento e enxergar o que está acontecendo a sua volta, de modo a evidenciar que a concepção de violência e medo intimida todo corpo social. Diante disso, devemos pensar a cidade como um espaço de socialização, de encontros, deixando que a confiança se constitua entre os cidadãos.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **Da violência**. Rio de Janeiro: Maria Claudia Drummond, 2004.
- ALVARENGA, D. P. D. **Crime e criminalidade: distinção**. 2004. Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/1954>> Acesso em 25 de nov. 2014.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2007.
- BEATO, C. **Crime e cidades**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- CALDEIRA, T. P **Cidade de muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.
- CARDIA, N; SCHIFFER, S. Violência e desigualdade social. **Revista e Cultura**. São Paulo jul/set, p.25-31, 2002.
- CARVALHO, D. K. D.; LAGES. A. M. G.; BARBOSA, L. C. **Dinâmica da Produção Fumageira na Microrregião de Arapiraca: um caso singular**. Maceió: CECA, 2006.
- CHAGAS, C. A. N. Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na região metropolitana de Belém. **Boletim Amazônico de Geografia**, Belém, n.1, v. 01, p. 186-204, jan./jun. 2014.
- CHAUÍ, M. **Conceituando violência**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.
- COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.
- DELUMEAU, J. **História do Medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia de Letras. 1989.
- EDUCAR. USP. **Aspectos Sociais e Econômicos de Arapiraca**. Disponível em: <<http://educar.sc.usp.br/biologia/ep/Arapiraca/relatorio.html>>. Acesso em 10 de junho de 2017.
- ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS DE ALAGOAS. Carlos Alberto Pinheiro Mendonça; Instituto Arnon de Mello; Leonardo Simões: Coordenação Geral. Maceió – Núcleo de Projetos Especiais, 2012.
- FEIGUIN, D.; LIMA, R. S. de. Tempo de violência: medo e insegurança em São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.9, n.2, p. 73-80, abr./jun. 1995.

- FEITOSA, A. R. G. **A espacialização do capitalismo e seus influxos no agreste alagoano**. 2014. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Curso de Geografia, Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Delmiro Gouveia, 2014.
- FORTI, F. Paisagem urbana e segurança: estudo de caso para os bairros Centro e Vila Tibério no município de Ribeirão Preto. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v.4, n.1, 2008.
- FREITAS, F. L. da S. **A territorialidade da criminalidade violenta no bairro Jardim das Oliveiras – Fortaleza/CE**. 2010. 167f. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- GUEDES, Z. **Arapiraca Através do Tempo**. 1 ed. Maceió: Mastergraphy Ltda, 1999.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em: 29 de junho de 2017.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martin Fontes, 2004.
- LIMA, M. A. Cruz das Almas e Arapiraca, duas zonas produtoras de fumo (estudos preliminares). **Anais Associação dos Geógrafos Brasileiros/AGB**. São Paulo, v. VII, tomo I (1952-1953), pp. 207-242, 1955.
- LIRA, P. S. **Instâncias urbanas e violência: uma análise dialética**. 2009. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/Universidade Federal do Espírito Santo/Vitória, 2009.
- MENEZES, D. G. Resenha. **Bagoas**. Natal, RN, v. 6, n. 7, p. 351-356, jan/jun 2012. ISSN 1982-0518.
- MISSE, M. As ligações perigosas: mercado informal ilegal, narcotráfico e violência no Rio. **Contemporâneo e educação**, Rio de Janeiro – RJ, v. 2, n. 1, 1997.
- MORAIS, R. **O que é violência urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 113p.
- NARDI, J. B. **Fumo e desenvolvimento local em Arapiraca/AL** – primeiras observações e análises para a elaboração do diagnóstico sócio – econômico municipal e regional. Projeto FAPEAL/CNPq/FUNESA. Arapiraca, 2006.
- NARDI, J. B. **Fumo e desenvolvimento local em Arapiraca/AL** – primeiras observações e análises para a elaboração do diagnóstico sócio – econômico municipal e regional. Projeto FAPEAL/CNPq/FUNESA. Arapiraca, 2004.
- OLIVEIRA, C. Os muros da cidade: um estudo de caso sobre os espaços residenciais fechados da cidade de Pilar, Alagoas. **VI Simpósio Internacional Sobre as Geografias da Violência e do Medo**, Recife/PE. dez, 2016. ISSN: 2447-4967.

OLIVEIRA, J. L. **Da crise do setor fumageiro à diversificação produtiva em Arapiraca/AL: O projeto cinturão verde.** 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió, 2007.

_____. **Paisagem do medo.** São Paulo – SP: Unesp. 2005.

PLANO DECENAL DE ARAPIRACA. Disponível em:
<www.arapiraca.al.gov.br/planodecenal/oficinas/o-plano-decenal>. Acesso em: 05 de junho de 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. Disponível em:
<<https://geo.arapiraca.al.gov.br/geoarapiraca/index.php/down/loads>>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

SANTOS, M. **A urbanização Brasileira.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SARAIVA, K; VEIGA-NETO, A. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, RS, v. 34, n. 2, p. 187-201, mai/ago 2009.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Água em Arapiraca/AL.** Brasília: 2005. Disponível em: <www.serviçogeologicodobrasil.gov.br>. acesso em 20 de junho de 2018.

SILVA, M. do S. R. et al. **Medo na cidade:** um estudo de caso no bairro da terra firme em Belém/PA. Belém do Pará: Universidade Federal do Pará, 2011.

SILVEIRA, J. **Noções de Geografia do Estado de Alagoas.** Maceió: Cultura Didática, 1963.

SOARES, L. E.; BILL, M. A. **Cabeça de Porco.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOUZA, J. C. O; MARISCO, L. M. O. Reestruturação urbana e a dinâmica socioeconômica em cidades médias: o caso de Arapiraca, Alagoas. **Caderno Prudentino de Geografia,** Presidente Prudente, nº 31, vol. 1, pp. [55] -75, 2009.

SOUZA, M. L. de. **Fobópole: O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder. In.: Castro, I. E. de; GOMES, P.C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 77-116.

ZONEAMENTO AGROECOLÓGICO DE ALAGOAS. **Base Cartográfica 2014.**

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta:** as organizações populares e o significado da pobreza. Rio de Janeiro. Ed: Brasiliense, 1985.